



ENCONTROS COM A ARTE:

mediação nos espaços expositivos e no contexto escolar

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

**ENCONTROS COM A ARTE:
Mediação nos espaços expositivos e no contexto escolar**

THAYSE LUDWIG MARTINS

**Porto Alegre
2015**

THAYSE LUDWIG MARTINS

ENCONTROS COM A ARTE:

Mediação nos espaços expositivos e no contexto escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Andrea Hofstaetter

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Albani de Carvalho

Prof^a. Dorcas Weber

Porto Alegre

2015

Agradeço aos meus pais pelo apoio em minhas escolhas e formação recebida, em especial à minha mãe Themis pela força, compreensão e confiança ao longo de toda a graduação.

À minha avó Thaís pela constante presença e dedicação à nossa família.

À minha irmã Juliana pelo exemplo de determinação, suporte e por me ensinar que as diferenças são bem vindas e fundamentais para o nosso crescimento.

À minha filha Isabella pelo carinho, incentivo e paciência.

Ao meu companheiro pelo apoio e por se deixar envolver pela arte através das minhas vivências.

À minha orientadora Andrea por compartilhar seus conhecimentos e criar espaços para o desenvolvimento de seus alunos.

Às professoras integrantes da banca examinadora pela disponibilidade e aprendizagens.

Aos colegas de curso pelas trocas e momentos marcantes.

“Refletir sobre nossa própria prática e o que não sabemos é o antídoto para romper com a anestesia da rotina de sempre, e buscar novos e maiores horizontes.”

Mirian Celeste Martins

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a mediação da arte em espaços expositivos e como essa prática pode estar presente no ensino da Arte na escola. Pretende-se buscar relações entre a prática do mediador e do professor de Arte e reforçar a importância dos setores educativos e das formações para educadores oferecidas por estes setores, como uma ferramenta na aproximação entre estes dois espaços. Serão abordados os conceitos de mediação segundo Mirian Celeste Martins e Ana Mae Barbosa. Ao longo do trabalho serão apresentados relatos de experiências de mediação e ensino durante o estágio docente do curso de graduação. Por meio de entrevistas, realizadas com professores e mediadores, é discutido alguns aspectos presentes na relação entre a escola e as exposições de arte sob o ponto de vista destes dois profissionais.

Palavras-chave: Arte. Mediação. Formação para educadores. Espaço expositivo. Escola.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| 1.EXPOSIÇÕES DE ARTE E O SETOR EDUCATIVO | 9 |
| 1.1 FORMAÇÕES PARA EDUCADORES | 12 |
| 1.2 A EXPERIÊNCIA COMO FORMAÇÃO | 14 |
| 1.3 MEDIADOR EM FORMAÇÃO | 16 |
| 2. MEDIAÇÃO | 20 |
| 2.1 MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÕES DE ARTE | 22 |
| 2.1 ARTE DENTRO DA ESCOLA..... | 25 |
| 2.2 ENTRE A SALA DE AULA E AS EXPOSIÇÕES..... | 28 |
| 3. VIVENCIANDO ENCONTROS NO ESTÁGIO DOCÊNCIA | 31 |
| 3.1 PRÁTICAS EM SALA DE AULA | 31 |
| 3.2 PREPARAÇÃO PARA A VISITA MEDIADA | 38 |
| 3.3 ENCONTROS COM A ARTE NA 10º BIENAL DO MERCOSUL..... | 40 |
| 3.3.1 APONTAMENTOS IMPORTANTES | 43 |
| 3.3.2 REGISTROS DE UM ENCONTRO | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 49 |
| APÊNDICE - QUESTIONÁRIO ENTREGUE PARA AS TURMAS DO ESTÁGIO | 53 |
| ANEXO A – QUESTIONÁRIOS REALIZADO COM OS PROFESSORES PARTICIPANTES DO PROJETO VINCULAR..... | 54 |
| ANEXO B – QUESTIONÁRIO REALIZADOS COM MEDIADORES..... | 78 |
| ANEXO C - TRABALHOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS DA TURMA 92 | 85 |

INTRODUÇÃO

Em minha experiência ao longo do curso de graduação de Licenciatura em Artes Visuais, foi mais fácil me aproximar das práticas de ensino da arte em espaços considerados não formais¹, do que do ensino da arte nas escolas. Embora o currículo da graduação nos direcione para atuar nas escolas, não há muitas oportunidades para colocarmos em prática nossa formação e somente no final do curso os graduandos realizam o estágio docente. Sendo assim, alguns de nós buscam adentrar o mundo do ensino da arte através das ações educativas nos espaços expositivos da cidade de Porto Alegre, assim como integrar o grupo de mediadores de grandes mostras, como a Bienal do Mercosul.

É nesses locais que vamos ter nosso primeiro contato com os alunos, desde turmas de crianças a adolescentes, observá-los e interagir com eles e com seus professores. É também esses locais que realizam formações² para educadores e oferecem palestras com artistas, curadores, disponibilizam materiais pedagógicos e um contato direto com as obras de arte. Dessa forma pode se considerar que muitos dos atuais e futuros professores de artes são também formados por essas instituições, pelos conceitos que fundamentam os setores das ações educativas desses locais e o que eles compreendem por ensino da arte e por mediação. Pois, embora estas formações não façam parte do espaço formal da universidade, são estimuladas e por elas consideradas por meio das atividades complementares exigidas no currículo.

Os projetos educativos nos museus, galerias e bienais estão sendo cada vez mais valorizados dentro do campo da arte. A ação educativa tem sido apontada como causa do aumento do número de visitantes às exposições, já que a maioria destes acaba por ser o público das escolas. No entanto, ainda que essas ações sejam importantes para ampliar o acesso às produções artísticas, e seja recorrente receber alunos que já visitaram outras exposições, parece haver uma distância entre o que é

¹ Educação não-formal, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas, LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2002.

² Algumas instituições oferecem formações continuadas ou específicas para determinada exposição.

visto e trabalhado nas aulas de artes, com o que é visto nas exposições. Isso se verifica tanto em relação às obras ali encontradas, quanto em relação às estratégias de ensino utilizadas nesses dois espaços de educação.

Em uma visita mediada tudo surge a partir da obra de arte e em como ela se relaciona com os conceitos curatoriais, o projeto museográfico da exposição e com a bagagem cultural de cada público. Os conteúdos que serão trabalhados, e as ideias que serão enfatizadas durante o período da mediação surgirão devido a essas obras e em como o público, em sua maioria alunos do ensino básico, irá se aproximar delas. A obra e o espaço expositivo, muitas vezes imponente, situam-se dentro de um contexto distante e desconhecido, na maioria das vezes, pelo visitante que não está acostumado a visitar exposições de arte, principalmente arte contemporânea, e nem refletir sobre aspectos do campo da Arte e suas relações com a sociedade. No entanto através dessa experiência mediada, o visitante poderá explorar as possibilidades de leitura dessas obras e refletir sobre o contexto em que estão inseridas, tornando a visita um momento mais significativo e propício para construção de conhecimento.

São justamente essas possibilidades de interações entre o público e a arte, e o que pode surgir delas por meio da mediação, que este trabalho busca explorar e discorrer sobre. Pretende-se deslocar essa prática de dentro do espaço expositivo para a sala de aula, apontando as diferenças impostas tanto pelo espaço quanto pelos recursos oferecidos nas exposições de arte, que facilitam a mediação e que não estão presentes nas escolas da rede pública. Além de enfatizar o papel do professor e do mediador na construção dessas relações, e refletir sobre a formação destes profissionais.

O trabalho foi desenvolvido a partir da revisão bibliográfica sobre o tema e sobre os conceitos relacionados, além de priorizar a experiência pessoal da autora através de relatos de observações e análise das situações presentes ao longo do texto. Como base para a pesquisa foram utilizados os estudos de Ana Mae Barbosa,

Miriam Celeste Martins, Gabriela Bom, Jorge Larrosa Bondía entre outros autores.

Inicialmente apresento uma breve retrospectiva história sobre a instauração dos setores educativos nos museus e instituições culturais, e o surgimento da figura do mediador. Discorro sobre as mudanças ocorridas que propiciaram que a educação passasse a ser valorizada nestes espaços. Ainda no primeiro capítulo aponto a importância das formações oferecidas aos educadores pelos setores educativos e a maneira como essa formação implica positivamente na construção de uma parceria entre museus, espaços expositivos e a escola.

No segundo capítulo discorro sobre o termo mediação e em como essa prática está vinculada às exposições de arte, mas também ao ensino da arte nas escolas. A fim de explicitar como essas reflexões e questionamentos aparecem na prática na atuação do professor e do mediador, lanço mão das respostas obtidas através de dois questionários integrantes desta pesquisa, realizados com estes profissionais³.

Finalizo o trabalho apresentando e refletindo sobre minha experiência no estágio docente, relatando como minha vivência como mediadora fundamentou minha prática em sala de aula e destaco aspectos relacionados com a temática da pesquisa presentes neste contexto. Destaco ainda a visita mediada com os alunos do estágio à 10^o Bienal do Mercosul como um momento de exploração desta reflexão na prática.

³ Foram realizados dois questionários como parte integrante deste trabalho. Um primeiro questionário com professores participantes da 2^o edição do Projeto Vincular, que é uma formação continuada para professores oferecida pelo MARGS em parceria com curso de Licenciatura em Artes da UERGS. O segundo questionário foi realizado com mediadores que integraram o setor educativo do Santander Cultural. As respostas encontram-se no anexo deste trabalho.

1. EXPOSIÇÕES DE ARTE E O SETOR EDUCATIVO

Para falar de mediação em exposições de arte e dentro do ensino da Arte, se faz necessário contextualizar o surgimento dessa prática. Diversas mudanças ocorreram dentro do campo da arte, fazendo com que os museus e espaços expositivos passassem a contar com um profissional encarregado, inicialmente, de guiar o público entre as salas expositivas.

A presença do setor educativo como um agente importante nos museus surge com mais força e praticamente de forma consensual em diversos países ao longo do século XX, oriunda das mudanças ocorridas no século XVIII, na Europa. Anteriormente a este período, os objetos simbólicos e considerados de valor pertenciam aos colecionadores. Eram expostos nos chamados gabinetes de curiosidades, somente para outros aficionados, e sem que houvesse grandes critérios de organização, privilegiando mostrar a maior quantidade de objetos possíveis. Já o modelo de exposição que vem a suceder este, passa a expor os objetos ainda justapostos e em grandes quantidades, mas seguindo critérios mais científicos, embora não ficassem explícitos. Para Blanco (1999) esse modelo expositivo demonstrava uma forte crença no poder comunicativo e informativo do próprio objeto, acreditando que através da contemplação fosse suficientemente possível compreender seu valor, embora isso somente pudesse ocorrer para aqueles especialistas e estudiosos do assunto.

Somente ao final do século XVIII as coleções particulares passaram a ser públicas, dando origem aos museus nacionais europeus. O caráter expositivo passou a ser recorrente nos museus, mas as exposições ainda eram voltadas para um público específico e que não necessitava de grandes explicações. No caso, eram os estudiosos, colecionadores e artistas. Ao tornarem-se instituições públicas as exposições passaram a ser priorizadas, como consequência dos ideais da Revolução Francesa que almejava instruir a nação difundindo a história e o acesso ao patrimônio, e acabavam atraindo públicos diversos.

Com a democratização das sociedades europeias, os museus não só reorganizaram suas coleções, como foram obrigados a transformar suas exposições em objeto de interesse coletivo, e o modo que encontraram para isso foi a representação dos momentos da história da arte. De certo modo, este tipo de exposição democratizava parcialmente a experiência, pois,

teoricamente, qualquer pessoa poderia aprender o sistema de classificação e as características específicas atribuídas a cada escola e a cada mestre. (GRINSPUM, 2012, documento online)

Posteriormente, já em outros países, alguns diretores de museus e suas equipes museológicas começaram a optar por outras maneiras de expor seu acervo, fazendo escolhas de outras ordens, que não mais se baseavam na cronologia ou nas grandes escolas. Para Blanco (1999,p.8), “la exposición há passado de considerarse como una mera exhibición de objetos e concebirse como un médio de comunicación de características específicas”. Com essas mudanças alguns recursos de mediação entre as obras, as concepções dos museólogos, e os visitantes, passaram a compor o espaço expositivo dos museus.

As obras e objetos começaram a contar com etiquetas com sua ficha técnica, os textos de parede e folders de apresentação se tornam recorrentes, como uma maneira de aproximar e informar o visitante sobre a exposição. A própria forma de expor as obras é uma maneira de mediação entre ela e o público, e é essencial para transmitir o conceito da mostra. O público, assim, passa a ter mais acesso às informações e aos conceitos norteadores das exposições, além de ser guiado por meio da escolhas da curadoria, podendo explorar esses recursos durante sua visita, a fim de vivenciá-la de maneira mais significativa.

Ana Mae Barbosa (2009) destaca que é a partir da década de 1990, no Brasil, que os museus passam a criar os setores educativos, embora já existissem serviços educativos em alguns museus, considerando esse ocorrido em razão de uma maior conscientização social e principalmente devido às mega exposições, que precisam dar conta de atender um grande número de público,⁴ nesse caso as escolas são os grupos mais numerosos. Pensando no cenário nacional é importante ressaltar que o aumento do interesse pelos setores educativos também se dá devido à grande procura por parte dos professores pelas formações oferecidas nesses locais e

⁴ As grandes exposições contam com patrocínio privado e as atuais leis de incentivo à cultura permitem que os patrocinadores deduzam parte ou mesmo o total dos recursos patrocinados dos impostos devidos, sendo uma forma de estímulo ao apoio da iniciativa privada ao setor cultural e social. As estatísticas de público ajudam a reforçar a importância de determinada ação realizada pelo patrocinador.

também em razão da grande aceitação da Proposta Triangular⁵ desenvolvida por Ana Mae Barbosa.

A autora aponta que “a Proposta Triangular salientou a importância da interpretação da arte e as vantagens de ver e analisar as obras ao vivo”(BARBOSA, 2009, p.17). Nesse período as exposições passam a ter a presença do guia ou monitor, que representa um momento inicial de atuação do profissional que conhecemos hoje como mediador. Inicialmente a função do guia era a de que ficar à disposição para possíveis dúvidas por parte dos visitantes sobre as obras e sobre o próprio museu ou instituição, e a de guiar o público pelo espaço expositivo, transmitindo informações técnicas sobre as obras.

Essa figura foi se transformando ao longo dos anos, motivada em parte por uma nova concepção do acesso à cultura. O termo mediador surge posteriormente, sendo adotado e utilizado em grandes mostras, como as Bienais, ainda que os termos guia, monitor e educador, ainda permaneçam sendo utilizados.

Atualmente, as denominações mais utilizadas são as de ‘mediador’ ou ‘educador’, que designariam aquele profissional capaz de atuar como intermediador das diversas instâncias de significação convocadas por uma obra de arte no contexto museal junto ao público visitante. (BON,2010, p.2073)

É nessas grandes exposições, também, que os setores educativos possuem maior espaço para criar e explorar novas propostas de formação para os mediadores e professores, assim como proporcionar outras formas de mediação. Embora seja notável o crescimento dos departamentos de educação nos museus é preciso salientar que isso não significa que eles são vistos sempre com bons olhos dentro da grande rede de ligações que sustentam e validam uma exposição de arte. É importante também esclarecer que alguns locais dizem possuir setor educativo,

⁵ Na década de 80 teve início desenvolvimento da *Proposta Triangular* com base no *Discipline-Based Art Education (DBAE)* norte-americano, no *Basic Design Movement* inglês e as *Escuelas al Aire Libre* do México. A proposta defende que a construção do conhecimento em Arte acontece na interligação entre a experimentação, a codificação e a informação. Sendo assim Ana Mae Barbosa propõem que o ensino da arte seja elaborado com base em três ações: Contextualização histórica; Fazer artístico; Apreciação artística. (BARBOSA, Ana Mae; *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte – 2ª ed.*; São Paulo, Cortez, 2003)

mas isso por vezes se resume em oferecer visitas guiadas, sem muito preparo, ou seja, nem todos os setores educativos possuem a mesma estrutura, no entanto os espaços analisados neste trabalho possuem características semelhantes e um educativo bem estruturado. Sobre a questão da valorização e do prestígio dos setores educativos Ana Mae Barbosa afirma que:

O prestígio dos departamentos de educação dos museus de arte é muito recente, embora ainda haja enorme resistência por parte de curadores, críticos, historiadores e artistas à ideia do museu como instituição educacional, o que os leva a considerar os educadores profissionais de segunda categoria. (BARBOSA, 2009, p.14)

Considero essa questão de extrema importância, principalmente para aqueles que atuam como mediadores e precisam lidar com essa desvalorização. Nas grandes exposições a procura por profissionais qualificados para atuarem nos setores educativos é grande, e os mesmos são, muitas vezes, os últimos na linha da hierarquia da organização social dos responsáveis pelas exposições. Além de serem na maioria das vezes contratados como estagiários. Podemos pensar assim, que ao mesmo tempo em que esse profissional é um dos grandes responsáveis pelo funcionamento da mostra e por atender o público que irá mostrar estatisticamente o resultado da exposição, ele não é visto com a devida importância pela administração dos museus e instituições de arte, que muitas vezes desconhecem até mesmo o trabalho desenvolvido pelo seu setor educativo.

No entanto, do ponto de vista de quem já esteve dentro dessa pirâmide hierárquica, olhando de baixo para cima, me arrisco a afirmar que talvez a força do trabalho do mediador esteja na sua falta de visibilidade, que lhe permite lançar mão de diferentes formas de interação e de aproximação com os visitantes. O trabalho do mediador é imaterial e é devido à essa imaterialidade e constante transformação que ele se torna tão potente.

1.1 FORMAÇÕES PARA EDUCADORES

Voltarmos nosso olhar para a força do trabalho dos educadores é também olhar para sua formação. Atualmente qualquer profissional vinculado a educação precisa estar atualizado. Mediadores e professores precisam estar em constante formação, buscando se atualizar sobre as pesquisas do campo da Arte e do ensino

de Arte. Os museus e instituições culturais tem se consolidado como um espaço formador, suprimindo lacunas na educação que muitas vezes deveriam ser ofertadas por outras instâncias. Pois não basta abrir as portas para os grupos escolares é preciso atender a demanda de formação de professores, como afirma Gabriela Bon.

Atualmente, várias exposições de grande porte têm utilizado o termo “curadoria pedagógica” para designar o conjunto de atividades voltadas às práticas educativas e socializantes presentes em suas ações. Estas práticas educativas envolvem desde a preparação de mediadores até a criação de cursos, de seminários e de material impresso a ser distribuído principalmente para professores e alunos. (BON. 2010, p.2074)

Os professores nem sempre contam com momentos de formação oferecidos pela escola em que atuam, ou não dispõem de tempo reservado para esse tipo de atividade, e por vezes acabam ficando estagnados em determinadas práticas ou restringindo seu repertório de artistas. É sabido também que muitos professores que atuam e atuavam na rede básica de ensino lecionando a disciplina de Artes, não possuem formação na área, e acabam por buscar formações e materiais nas instituições de Arte. Um dos fatores que contribuíram para a procura por cursos e visitas aos museus foi a implementação dos princípios da Abordagem Triangular como diretriz básica para ação pedagógica na disciplina de Artes, como agenda escondida, nos Parâmetros Curriculares Nacionais publicados pelo MEC (BARBOSA, 2009).

Sendo assim, por vezes mediadores e professores participam lado a lado desses encontros, que parecem apresentar uma estrutura em comum e que se repetem a cada nova exposição. São oferecidos momentos de encontros entre a ação educativa do local, curadores, artistas e professores, que participam dessas conversas, e ao final, recebem o catálogo da exposição em cartaz e o material pedagógico desenvolvido pela instituição. De certa forma esses momentos suprem, em parte, essa necessidade de atualização do professor e oferecem momentos de reflexão e de diálogo sobre temas significativos do ensino de arte.

Já a formação do mediador, na maioria das vezes, ocorre anteriormente à

chegada do professor, e é em parte, responsabilidade da instituição à qual é vinculado. Esses momentos costumam ocorrer durante a montagem das exposições, onde há trocas entre a curadoria, o artista e o setor pedagógico. O mediador possui momentos de conversa com seus colegas sobre a exposição, e aos poucos vai se aproximando da mostra e construindo sentido entre o que foi discutido e o que foi observado, tudo isso em contato direto com as obras de arte.

1.2 A EXPERIÊNCIA COMO FORMAÇÃO

Considerar que os educadores devem estar sempre em formação e que as experiências vividas são extremamente formadoras, implica em pensar também sobre o tempo que eles possuem para se dedicar à esses momentos. Parecemos estar cada vez mais sem tempo, principalmente o professor, que parece passar cada dia mais dentro da escola. Pensando no professor de Artes, que costuma ter no máximo dois períodos por semana com cada turma, precisa ministrar diversas aulas para complementar sua carga horária, essa rotina se torna ainda mais desgastante. É exigido do professor de hoje que torne-se um “sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria”(BONDÍA,2002,p.23). Não se pode perder tempo na escola, e o currículo cada vez mais complexo e numeroso reforça essa ideia. Com isso Bondía enfatiza que na educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece, não há espaço para a experiência.

A relação com o tempo não afeta só o corpo docente, mas o aluno também, esse é o “sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o choca, mas nada lhe acontece”(BONDÍA, 2002,p.23). Para o autor,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24)

Para abrir brechas neste cotidiano acelerado, o professor pode buscar uma postura diferente, vinculada à postura do mediador, que permite o tempo do pensar, do olhar e escutar. Assim buscar formações em espaços vinculados à arte é uma maneira de se buscar essas experiências, pois a arte pode ser o gesto de interrupção do qual precisamos.

Ao mesmo tempo em que alguns professores buscam nesses espaços enriquecer sua formação, as instituições querem conquistar o professor, pois sabem que será ele o responsável por aumentar as estatísticas de número de visitantes para as exposições. Logo, esse contato tem se mostrado promissor para o ensino da arte, pois dessa maneira o professor, que muitas vezes não dialoga mais com seus pares, nem mantém mais um ritmo de estudos, consegue visitar as exposições vigentes na cidade, se aproximar de pesquisas acadêmicas sobre a arte e o ensino da arte, e da fala de críticos e historiadores, aumentando assim seu repertório e suas fontes de pesquisa.

Na maioria dos encontros de formação são propostos momentos em que os educadores realizam uma prática semelhante ao que seria vivenciado por seus alunos, através das visitas mediadas. Esses momentos são extremamente ricos para a futura atuação do professor, pois para atuar como mediador entre o aluno e as imagens da arte, o professor precisa passar pela experiência de espectador de maneira reflexiva, percebendo como ele mesmo enxerga essas obras, com o que as relaciona, ou seja, perceber o percurso que ele faz quando está no papel de espectador. Rejane Coutinho afirma que

O ideal é que a preparação possa acontecer antes de levar seus alunos a situações de apreciação; entretanto, diante das dificuldades, ela também pode ser desenvolvida e ampliada na sequência da própria experiência. O que é fundamental é que o educador passe pela experiência e reflita sobre seus próprios processos, visto que a experiência tem como referência as próprias experiências anteriores dos sujeitos. (COUTINHO, 2004,p.156)

Reforçando a fala da autora, essas experiências de formação se fazem importantes mesmo que o professor acabe por não levar seus alunos na mesma

exposição por ele visitada, mas a experiência vivida já ajuda na construção de um professor mais atento às possibilidades de trabalho, e que poderá usufruir com seus alunos, mesmo que em outros momentos, o que foi significativo dessas vivências. Pois serão esses momentos vividos previamente que darão suporte para a atuação do profissional

Carregamos em nossa visão de mundo o amálgama das experiências pessoais e profissionais vividas. [...] Para ser mediador é preciso cultivar uma postura reflexiva e provocadora, capaz de planejar jogos estéticos, ativar descobertas e despertar o interesse de olhar mais além. (MARTINS, 2005, p.52)

Ainda que não seja possível passar para alguém nossas experiências, é possível ao educador “provocar situações onde seus aprendizes possam ter a possibilidade e a oportunidade de vivenciar situações ainda desconhecidas e talvez nestes momentos aconteçam experiências significativas que provoquem transformações” (MARTINS, 2005:50). Reside aí a necessidade de o professor estar em constante formação, colocando-se em situações distintas e percebendo o que poderá levar de suas vivências para a sala de aula, “A relação do educador com o mundo pode trazer para este encontro qualidade, emoção e influenciar experiências estéticas”. (MARTINS, 2005,p.50)

1.3 MEDIADOR EM FORMAÇÃO

A formação dos mediadores costuma ser semelhante à dos professores, na maioria dos locais que contam com setores educativos permanentes, fundamentadas em uma pesquisa sobre a exposição e, posteriormente, promovendo um ou mais encontros com curadores e artistas. A meu ver, esse tipo de formação parece dar conta somente de um aspecto da atuação desse profissional, suprimindo lacunas da ordem do conhecimento e das informações técnicas. No entanto, parecem faltar momentos de maior diálogo, reflexão, vivências e de exploração da prática de mediar.

Acredito que esse tipo de prática reforça a ideia de que “a reflexão sobre a

mediação cultural direciona-se na maioria dos casos para “como ela é pensada, construída ou escrita”, mas raramente sobre como é praticada” (CASANOVA, 2009, p.109), pois embora não se ensine a mediar, não é somente do conteúdo específico do campo da arte que o mediador necessita. Ele precisa vivenciar o contato com pessoas diversas, explorar diferentes formas de se colocar no espaço, diferentes propostas e ações, conversar e trocar ideias sobre as obras.

Nesse sentido me fascinam as formações oferecidas pelas edições da Bienal do Mercosul⁶, que dispõem de um tempo muito maior voltado para essa prática e são fundamentadas em diversos conceitos e autores. Esses cursos de formação costumam durar mais de um mês, e são estruturados por diversas atividades. Citarei a seguir algumas características do curso para mediadores da 9ª Bienal do Mercosul⁷, intitulada Se o clima for favorável. O curso Redes de Formação teve início em maio de 2013 sob a coordenação da curadora de base Mônica Hoff, e era constituído por laboratórios de mediação semanais e palestras que possuíam relação com alguma das obras ou com o conceito da mostra. As palestras eram normalmente ministradas por profissionais de diferentes áreas tratando sobre o mesmo tema. Só aí já podemos perceber que a ideia de formação de mediadores desta instituição era muito mais abrangente do que preparar o educador para a exposição, mas uma tentativa de dar conta de proporcionar à esse educador experiências e memórias significativas capazes de serem acionadas para futuras associações.

Os laboratórios de mediação costumavam ocorrer em locais distintos, de acordo com a proposta. Recordo-me, por exemplo, do dia em que realizamos um desses laboratórios na sede da empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.-Trensurb e entre as estações de trem. Éramos levados a estar entre as pessoas,

⁶ A Bienal do Mercosul é uma mostra internacional de arte que desde 1997 ocorre em Porto Alegre, ocupando construções históricas da cidade, como os armazéns do Cais do Porto, MARGS, Santander Cultural, Memorial do Rio Grande do Sul, entre outros locais.

⁷ A 9ª Bienal do Mercosul, foi realizada de 13 de setembro a 10 de novembro de 2013, em Porto Alegre, Brasil. A diretora artística e curadora geral desta edição foi Sofia Hernández Chong Cuy. A equipe curatorial era constituída por Raimundas Malašauskas, Mônica Hoff, Bernardo de Souza, Sarah Demeuse, Daniela Pérez, Júlia Rebouças, e Dominic Willsdon.

propondo ações, saindo de nossa zona de conforto e desestabilizando a rotina dos passantes. E não somente nos restringíamos a nos juntarmos aos nossos pares para discutirmos questões teóricas sobre mediação.

Em outro laboratório fomos para o centro da capital com a incumbência de convidar as pessoas a realizar um happening, entre as opções de escolha que possuímos estava o trabalho de Yoko Ono, “Peça de voz para soprano”. Então os mediadores se dividiam em grupos e abordavam as pessoas, convidando-as a participar junto com eles desta ação. Este laboratório foi um dos primeiros dentro da formação e foi muito significativo, como um primeiro contato com o público. Percebíamos que não havia uma única maneira de nos aproximarmos das pessoas, e que, de maneira geral todos encontravam-se dispostos a realizar a proposta e perdiam um pouco da inibição quando sabiam que se tratava de uma trabalho artístico. Outros não se sentiam a vontade em participar, e aprendemos a respeitar o desejo de envolvimento que cada um possui.

Esse modelo de formação é rico, pois possibilita que se criem experiências e memórias. São vivenciadas diversas situações que se relacionam com as obras que serão expostas ou com os conceitos norteadores da mostra. Dessa forma o mediador vai construindo a bagagem que levará consigo ao longo dos meses de exposição, evitando assim que o lindo discurso sobre mediação e sobre as teorias contemporâneas de aprendizagem fiquem presas somente no papel, mas abrindo espaço para que a prática e a experiência acompanhem a teoria.

Esse modelo também acaba por dar ao mediador certa autonomia para elaborar suas impressões acerca do que está sendo exposto, evita que a mediação se torne apenas uma repetição da fala dos críticos e curadores. Abre espaço para a interpretação, para as transformações e reconstruções de sentido que são próprios da ação de mediar. Como afirma Casanova:

O sentido inicial que ele havia construído, ele reconstrói e o confecciona de outra maneira ainda no ato socializado de comunicação que é a mediação. Ainda mais se esse ato se fundir no modo conversacional, no qual há flexibilidade e o princípio de adaptabilidade (CASANOVA, 2099, P.111)

A formação do educador deve ser variada a fim de enriquecer sua atuação e proporcionar autonomia. Ao questionar quais aspectos os mediadores consideram fundamentais em sua formação, obtive as seguintes respostas:

Mediadora entrevistada: Devem ser licenciados e ter experiência como professores. É importante que conheçam assuntos diversos., empatia e uma visão libertadora de educação, para que não reproduzam os hábitos da sala de aula nos museus, transformando as visitas em aulas tradicionais, focadas em um conteúdo e na disciplina.

Mediadora entrevistada: Eles devem ser da área de artes. É importante que conheçam assuntos diversos

Mediadora entrevistada: É importante que conheçam assuntos diversos. Ter a cabeça aberta e a condição de conectar e aproximar a arte da do cotidiano. Isso requer transdisciplinaridade, e jogo de cintura. Falar de cânones da arte de nada serve se o visitante não entende o significado simbólico da arte e o poder que ele tem, o universo da arte é muito amplo para limita-lo somente nele mesmo.

Essas falas vão de encontro ao destacado anteriormente sobre a importância de se prezar por uma formação que englobe vivências mais abrangentes e que relacionem diversos assuntos. Se a mediação pressupõe um estar entre diversas redes que se conectam, quanto mais o mediador for capaz de utilizar dessas conexões em sua prática, mas rica será a mediação.

2. MEDIAÇÃO

O significado da palavra mediação, presente nos dicionários aparece como, o ato de mediar, o ato de servir de intermediário entre pessoas, grupos, partidos, sempre com a intenção de chegar a um acordo, uma conciliação. O termo passa a ideia de que há dois extremos que precisam chegar a um acordo.

Nas publicações realizadas por Mirian Celeste Martins e seu grupo de pesquisa Mediação Arte/Cultura/Público a pesquisadora escreve sobre o conceito de mediação, voltado para a educação em museus e também como prática em sala de aula. Partindo do significado do termo mediação como sendo um intermédio em uma situação que envolve dois polos que dialogam através do mediador, a pesquisadora busca explorar e evidenciar como esse termo é visto e compreendido por educadores da arte. Existe uma definição mais específica de mediação que é conhecida como “mediação cultural” e que a define como “processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos e coletividades e obras de cultura e arte”. Mediação é “ampliação de conhecimento, é ir de encontro ao repertório cultural do outro, é conectar conteúdos e interesses, é conversação, é reflexão, é provocação” (MARTINS, 2005, p.44).

O conceito de mediação presente neste trabalho fundamenta-se no apresentado pela autora, que se caracteriza principalmente em compreender esse termo como uma ação que promove encontros entre o público e a arte, almejando proporcionar uma reflexão através da experiência vivida com a obra. Sendo assim é importante ressaltar que

Talvez esse educador possa garantir o encontro externo entre apreciador e obra, mas, o encontro interno onde se dá a intimidade, o prazer estético, está fora do alcance do educador. Afinal são relações experimentadas de forma muito particular por quem sente/pensa a obra. (MARTINS, 2005, p.49)

Compreende-se assim que esses encontros devem ser provocativos, instigantes e geradores de diálogos. Para Mirian Celeste Martins

Acima de tudo, é preciso promover um contato que deixe canais abertos para os sentidos e os sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte também fala por sua própria língua e é por ela mesma que a lemos. Talvez seja esse o espaço do silêncio externo com falas internas nem sempre traduzíveis. (MARTINS, 1997, p.226)

O processo de mediar deve levar em consideração os saberes e a bagagem cultural de cada público, para que não se resuma a uma imposição de ideias por parte do mediador, mas sim um momento de estimulação da percepção visual, e da capacidade de reflexão do público. O mediador precisa ser observador e estar atento às informações trazidas pelo público com o qual dialoga ser capaz de transpor em palavras suas observações e as informações que necessita passar, mas de uma maneira adequada às características dos visitantes, buscando relacionar sua fala aos conhecimentos prévios demonstrados por eles para que assim ocorra a criação de sentido e ampliação do conhecimento.

Ao questionar professores e mediadores sobre o que eles compreendem ou o que consideram ser uma boa mediação os aspectos defendidos por Miriam Celeste aparecem de forma clara nas falas dos entrevistados, como podemos verificar.

Mediadora entrevistada: Em geral eu gosto de mediações que emocionem. Que encantam, dão aflição, que fazem surgir por parte dos alunos sentimentos de indignação ou os estimulem para tentar fazer coisas. Enfim, que trazem à tona sentimentos que muitas vezes ficam guardados e em contextos escolares não têm como sair. Quando a emoção aparece é porque os alunos se colocam desarmados no espaço e deixam que o discurso da exposição perpassse pelos seus corpos e não só pela cabeça. Quando a mediação deixa de ser simplesmente uma boa arguição, com os conteúdos concatenados e entra no sensível. Essas sim são inesquecíveis. Tanto pra eles, quanto pra nós.

Mediadora entrevistada: Participativa, interativa, aonde eu apenas "conduza" a construção que eles mesmos, os visitantes, fazem a partir do que virem, lerem, ouvirem, sentirem, enfim, a experiência que ele estiver vivendo naquele momento. Acho que o ideal é priorizar a construção desse aluno, antes mesmo da do mediador, pois esse universo já pertence a esse profissional e cabe a ele fazer com que esse universo chegue, exista, ou seja, percebido por ele aluno. O mediador deve tentar possibilitar a livre apropriação e autonomia a esse visitante.

Professor entrevistado: Mediação é criar um espaço de questionamentos e provocações.

Professora entrevistada: Mediação é despertar o interesse, além da informação.

Esses relatos evidenciam o que fundamenta a mediação para ambos os profissionais é a capacidade que mediadores/professores e alunos possuem de trocar conhecimentos e experiências. Todos precisam estar dispostos a pensarem em conjunto, se proporem a olhar algo juntos a fim de atribuir significado ao que está sendo visto. Dessa forma é fácil compreender que o ato de mediar a arte não se encontra somente nas exposições, mas está também presente na escola, ou ao menos, deveria estar.

2.1 MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÕES DE ARTE

Analisar a instauração dos setores educativos nos museus e instituições de arte implica em refletir sobre a maneira como esses setores desenvolvem a mediação. Com base em minha experiência pude perceber que de maneira geral as mediações de grupos agendados seguem um roteiro básico com duração de 1h ou mais, dependendo da demanda do grupo e da disponibilidade do setor educativo. O ideal é que cada mediador receba no máximo 30 alunos, e quando há possibilidade de dividir os grupos o aproveitamento é muito melhor. Primeiramente ocorre o momento de acolhimento em que o mediador se apresenta e apresenta o local que irão visitar, informa às regras deste local quanto a postura que deve ser adotada e então adentram o espaço expositivo. Costuma ser neste primeiro momento em que o mediador e a turma começam a criar um vínculo, falando sobre as expectativas dos alunos em relação à exposição, de onde eles vêm, o que estão estudando. O mediador tenta assim sentir de que maneira irá abordar a mostra e as obras, qual caminho irá percorrer dentro do espaço, que obras dará maior atenção e como vai administrar o tempo.

Visitar exposições de arte requer que o visitante se familiarize com determinadas ações e “regras” que envolvem essa atividade e que esteja disponível para executá-las, no caso de uma visita mediada o visitante é exigido ainda mais. Diferente de ir assistir uma peça de teatro ou de ir ao cinema, visitar uma exposição exige um envolvimento do corpo e de quase todos os sentidos (CARVALHO, 2012,

p.51). Em alguns casos os alunos estão visitando um espaço expositivo pela primeira vez e desconhecem determinadas regras ou pressupostos, como o fato de não encostar nas obras, onde ficam as etiquetas de informação das obras entre outras. E por vezes alguns grupos vêm de longe, ou visitam mais de um local por dia, e chegando cansados para a mediação, logo, a exaustão do corpo irá influenciar na maneira de vivenciar a exposição. Essas questões afetam o trabalho do mediador, que precisa também perceber que público ele está recebendo, e costuma ser neste momento de acolhimento em que ele conseguirá ter uma noção de quem são essas pessoas, o que elas estão dispostas a fazer e a escutar.

Barbosa coloca em evidência o distanciamento que ocorre muitas vezes entre a prática do mediador e a teoria que fundamenta o setor educativo. Em vários casos os mediadores exercem papel de guia, apenas repassando e reforçando o discurso da instituição, ou acabam dando uma aula de história da arte, práticas questionadas pela autora e que não acolhem as contribuições do público.

Em muitos museus, o discurso do diretor ou diretora da Educação é magnífico, atualizado por meio de teorias contemporâneas da Aprendizagem, da Comunicação, da Arte/educação ou da Cultura Visual, mas se alguém acompanhar uma visita comentada ou “guiada”, como costuma chamar, descobre o fosso entre teoria e prática, [...]. (BARBOSA, 2009:19)

Embora se condene essa prática de mediação baseada no despejo de informações e verdades históricas, não se pode negar que o educador é afetado por esses discursos em sua formação, e que ele não deixa de ser um representante da instituição. No entanto é imprescindível lembrar que a mediação deve ultrapassar a ideia de ser uma ponte, mas se caracteriza por um “estar entre”, se relacionando com muitas outras coisas que perpassam as obras e o público. O mediador se relaciona com todas as obras que compõem a exposição, o museu ou instituição cultural, o curador, os artistas, o desenho museográfico, textos de parede, mercado da arte, a mídia, os materiais educativos, os outros mediadores, professores, expectativa da escola, entre vários outros aspectos que envolvem o campo da arte e da educação (MARTINS, 2005, p.54).

Cabe assim ao mediador refletir também sobre essa rede na qual está inserido, e fazer uso dela a fim de enriquecer a experiência do público. Desta forma possibilitando trazer para a conversa questões relativas às interações desses campos, e não ignorar que todas essas relações afetam o contato com a arte, evitando assim de servir apenas como transmissor de ideias pré-estabelecidas e imutáveis.

Entretanto também não se pode partir de uma postura ingênua e depositar no mediador da exposição toda a responsabilidade pelo bom aproveitamento da visita. Para Barbosa (2009, p.13) “museus são laboratórios de conhecimento de arte, tão fundamentais para a aprendizagem da arte como laboratórios de química são para a aprendizagem em Química”. Podemos pensar que ninguém vai para um laboratório de química sem ter se apropriado de alguns conceitos e conhecimentos. Levando isso para o ensino da arte, e os grupos escolares, podemos pensar que para uma boa experiência no espaço expositivo, a formação do professor e sua prática em sala de aula assumem papel fundamental na experiência vivida pelos alunos.

É responsabilidade também do professor inserir a visita no conteúdo que vem sendo trabalhado em sala de aula, uma vez que as exposições desempenham um papel importante dentro do campo das artes visuais e todas as obras que são expostas, assim como os conteúdos relacionados à exposição influenciam o modo como pensamos sobre a arte e o valor que atribuímos à ela, visitar exposições de arte deve ser inserido no currículo da disciplina. E no momento da visita a postura e a participação do professor é tão importante quanto a do mediador. Ele deve estar presente durante a mediação, agregando contribuições através de reflexão e de indagações tanto ao mediador quanto à turma, vivenciando assim uma experiência coletiva com seus alunos.

Assim como o mediador precisa estabelecer uma relação com os alunos, também precisa atingir o professor que não deixa de fazer parte do público. Essa relação entre esses dois profissionais nem sempre é bem estabelecida ou fácil de

lidar. Ao perguntar como os mediadores vêem a postura do professor durante as mediações essas questões ficaram evidentes

Mediadora entrevistada: ... Mas, de forma geral o que se nota são professores ativos, que por um lado, utilizam o espaço do museu para dar a sua aula, muitas vezes interrompendo ou direcionando totalmente o trabalho e as propostas do mediador ou, o que é mais comum, os professores simplesmente largam a tarefa socioeducativas nas mãos dos mediadores, alguns professores inclusive desaparecem do espaço. Mas acho que é uma relação que deve ser estreitada e esse estreitamento deve ser uma iniciativa do museu, explicando o que são as mediações, o que faz um mediador e como professor e mediador podem construir uma visita produtiva.

Mediadora entrevistada: Às vezes próxima, as vezes de ouvinte. Sempre chamo o professor pra conversa durante as mediações, mas as vezes eu acho que a maioria deles acha que no momento da mediação nós somos a "autoridade", tanto pela organização/ordem, quanto os que detém "o" conhecimento.

Assim como os mediadores possuem expectativas em relação ao professor, ele também espera determinada postura dos mediadores, como podemos perceber em suas respostas.

Professor entrevistado: Uma postura receptiva, que seja provocador acima de tudo, questionando mais do que respondendo.

Professor entrevistado: Que não sejam apáticos e engessados, tampouco "entregam" a exposição pronta ao público.

2.1 ARTE DENTRO DA ESCOLA

A arte que encontramos nas exposições, museus e instituições culturais raramente é a mesma que chega até a escola. Pensando o espaço expositivo como um espaço voltado também para a educação e comparando-o com a escola, em muitos aspectos eles se distanciam, e quando restringimos a escola à rede pública, esse distanciamento aumenta ainda mais. Se pensarmos nos recursos que são oferecidos para os alunos como suporte para construírem conhecimento percebemos, que muitas vezes a escola conta somente com os materiais trazidos pelo professor e com o seu acervo pessoal de imagens e recursos. Esse aspecto é

reforçado pelas respostas dadas pelos professores em relação aos materiais pedagógicos oferecidos em exposições de arte, a maioria dos entrevistados respondeu que utilizam esses materiais e que os consideram úteis. Fica fácil compreender a importância de obter esse tipo de recurso uma vez que o professor é responsável por gerenciar seu acervo pessoal de materiais, já que são raras as escolas que oferecem ou ajudam no custo para impressões de imagens e na compra de determinados materiais, nem recursos tecnológicos para utilização em sala de aula.

Trago aqui para análise o contexto da escola em que atuei no estágio docente e que observei desde o início do ano letivo, além de contribuições dos colegas de curso que também realizaram o estágio, e que ao discutirmos sobre nossa prática acabamos trocando informações. As questões percebidas no ambiente escolar que observei em muito tem influenciado os aspectos escolhidos para abordar nesta pesquisa. Principalmente o fato de que os alunos praticamente desconhecem produções artísticas e não são convidados a refletir sobre as poucas imagens com as quais têm contato nas aulas e no seu dia-a-dia. Percebe-se tanto uma falta de recursos materiais, quanto de propostas que explorem o diálogo e partam de imagens ou de reproduções de obras para trabalhar os conteúdos da área.

Os alunos quando tem contato com imagens, é apenas através de reproduções em tamanho de ofício e que não circulam pela sala, e o suporte utilizado para a realização dos trabalhos são folhas em tamanho A4. Na maior parte das vezes a aula ocorre na sala convencional, embora a escola possua uma sala que abriga tanto o laboratório de ciências quanto a sala de artes. Diferente dos espaços de ateliê que encontramos em locais como o Santander Cultural e a Fundação Iberê Camargo, essa sala de aula não possui recursos a oferecer, apenas mesas grandes e pias, mas encontra-se mal cuidada, suja e desorganizada.

Além do espaço físico que não proporciona um ambiente agradável e instigante para os alunos, também são raros os momentos que chamamos na mediação de acolhimento, que se caracteriza como o momento inicial da ação do mediador, em que ele entra em contato com o público de maneira carinhosa e sensível abrindo espaço para que ocorram momentos de trocas e de reflexão, como ressalta Mirian Celeste Martins.

O cuidado maior no acolhimento é estabelecer conexões e vínculos entre o repertório pessoal e cultural de cada visitante, a linguagem da arte, as obras que serão vistas, as instituições culturais e a vida cotidiana, entre outros, para que seja realmente um desafio estético planejado e para que seja possível a experiência se tornar estética. (MARTINS, 2005, p.124)

Esses momentos de acolhimento na escola deveriam ser fundamentais, pois o professor precisa a todo o momento manter seus vínculos com a turma, e acolher suas ideias, dúvidas e interesses, o que raramente ocorre, já que os conteúdos e as propostas chegam aos alunos sem que sejam contextualizados. No momento em que o aluno não vê significado no que está sendo realizado e exigido dele em sala de aula, acaba não construindo conhecimento, e as propostas não passam de tarefas a serem cumpridas e logo esquecidas.

Ainda assim a aula de artes possui um potencial muito grande para abrir brechas nessa estrutura já endurecida que é o sistema escolar. Criar espaços para vivências significativas, principalmente em contextos como o descrito acima, pois não há uma cobrança rígida por parte da direção da escola por um plano de ensino que deva ser fielmente seguido, o que oportuniza ao professor certa liberdade ao estruturar suas aulas. No entanto não é isso o que ocorre e os alunos ficam restritos à sua própria produção, não ampliam sua bagagem cultural, nem possuem a oportunidade de trabalhar na escola seus interesses pessoais vinculados aos conteúdos do currículo.

Ao mesmo tempo em que busco estabelecer conexões e contribuições entre o ensino não formal da arte em espaços expositivos, e o ensino formal, não me parece extremamente justo comparar a escola com essas instituições culturais, que recebem patrocínio de grandes empresas e que, se de fato atendessem a mesma quantidade de público que as escolas, provavelmente não seriam capazes de oferecer tantos recursos. O trabalho do mediador e do professor, ao mesmo tempo em que possui semelhanças, também se distancia. O mediador atende públicos distintos em um espaço de tempo menor que o professor, mas tem a vantagem do espaço expositivo, do deslocamento do aluno para fora da sala de aula e, principalmente a presença física das obras de arte. Já o professor possui a vantagem do tempo, em que poderá aprofundar muito mais o conhecimento e ver o retorno dos alunos, mas ao mesmo tempo lhe faltam recursos e espaços e, em

alguns casos, lhe faltam as concepções de ensino da arte que os mediadores possuem, que a meu ver parecem fazer sentido ao se trabalhar com o público escolar.

Todavia, acredito que o professor pode buscar auxílio nesses locais e nas estratégias de ensino praticadas nesses lugares. Refletindo em como ele poderá promover encontros entre seus alunos e as produções artísticas, e principalmente em como poderá estabelecer uma prática de ensino que gere conversas e reflexões em grupo, partindo da própria arte para tratar de seus conteúdos específicos e não ao contrário.

2.2 ENTRE A SALA DE AULA E AS EXPOSIÇÕES

Em minha experiência no estágio, no primeiro dia de aula, entreguei aos alunos um pequeno questionário⁸ com algumas perguntas sobre a disciplina de Artes, a fim de perceber o valor que eles atribuem à disciplina. Ficou claro que a maioria dos alunos não considera que esse componente curricular é importante para sua formação e muitos acham a disciplina totalmente dispensável. Dado o contexto em que estão inseridos é extremamente compreensível que tenham esta opinião, e que não esperem nada desta disciplina além de um momento de relaxamento e de estimulação da criatividade.

Ainda dentro da pesquisa questionei se eles já haviam visitado exposições de arte e se gostavam deste tipo de atividade. A maioria dos alunos respondeu que não faziam este tipo de passeio nem com a escola e nem com a família. Alguns responderam que mesmo sem ter ido às exposições não gostavam deste tipo de proposta, pois acreditavam que seria chato e entediante. A meu ver, essas duas questões se relacionam de alguma maneira, pois, é impossível valorizar algo que não conhecemos ou não percebemos sentido em nosso cotidiano.

A maneira como a arte é tratada e apresentada em algumas escolas não condiz com a realidade atual do campo da arte. Os alunos não fazem ideia do que

⁸ O questionário aplicado encontra-se no anexo deste trabalho.

ocorre em sua cidade no que diz respeito à produção artística. Diferentemente de outras disciplinas que constantemente possuem seu conteúdo atualizado, como história, geografia, biologia entre outras, a atualização do conteúdo da Arte parece ficar a cargo dos critérios de cada professor, que precisa dar conta de contextualizar as produções dentro da história da arte sem deixar de trazer para a sala de aula questões contemporâneas do campo da arte. Ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e outras publicações se esforcem para criar um determinado padrão a ser seguido no ensino da arte, as diretrizes mostram-se muito vagas, é sabido que isto está longe de acontecer.

Ao questionar professores e mediadores a respeito da existência de distanciamento entre o que é visto nas exposições e a realidade dos alunos e das escolas, os pontos de vistas são divergentes. A maioria dos professores acredita que há pouco distanciamento, enquanto a maioria dos mediadores diz perceber sim uma falta de aproximação entre arte exposta e a realidade escolar. Dois mediadores atribuem esse distanciamento muito mais aos textos curatoriais e aos conceitos da mostra, do que de fato às obras. Esse posicionamento se aproxima das falas de alguns professores, que apontam que a arte sempre é capaz de fazer o aluno pensar e estabelecer relações, e atribuem esse distanciamento muito mais à falta de aprofundamento prévio ou posterior ao conteúdo da exposição visitada.

Nesse sentido me parece que buscar associar o conteúdo curricular da disciplina de artes a agenda das exposições de arte da cidade em que a escola está situada, seria muito rico para os alunos e professores. Visitar os museus e exposições de arte é uma maneira de inserir o aluno dentro de outra realidade, em que a arte não é apenas mais uma disciplina com trabalhos para serem concluídos. Mas, mas sim uma área do conhecimento, com conceitos, regras, profissionais que atuam dentro deste campo, pesquisadores, que gera empregos, que movimenta toda uma rede de pessoas, que ocupa construções históricas da cidade, que faz parte da nossa cultura. Deslocar o aluno para esse tipo de situação auxilia na

atribuição de sentido para o que é visto em sala de aula e na valorização dos conteúdos vinculados à disciplina.

Poder proporcionar aos estudantes conhecer as obras de arte ao vivo, perceber suas dimensões, cores e texturas possibilita uma relação diferente daquela criada através das reproduções. Estar diante das obras em uma exposição implica perceber todos os outros aspectos que influenciam esse contato, diferentemente de olhar para uma reprodução de uma obra, ao estar ao vivo é impossível que a obra em si não seja afetada pelas outras obras expostas, assim como pelos visitantes que passam, que comentam, tiram fotos. Todas essas interferências são ricas no momento de se atribuir sentido, pois não se pode pensar na produção artística como algo isolado possível de ser resumido à uma impressão em uma folha de papel.

Contudo, ao almejar este tipo de proposta que inclui visitas às exposições esbarramos nos problemas de falta de orçamento tanto das escolas quanto dos espaços expositivos, para proporcionar transporte aos visitantes. Em Porto Alegre, atualmente, há um número maior de espaços expositivos que oferecem mediação com agendamento, para grupos, mas apenas um desses lugares possui ônibus gratuito. Sendo assim, a maior oportunidade para realizar esse tipo de visita ocorre durante a Bienal do Mercosul, que disponibiliza um número maior de transporte para as escolas. Essa situação fica evidente nas respostas dos professores, em que a maioria deles diz levar seus alunos às exposições de arte, no entanto quando questionados sobre a frequência com que esse tipo de atividade ocorre, a maioria sinalizou levá-los raramente.

3. VIVENCIANDO ENCONTROS NO ESTÁGIO DOCÊNCIA

Realizei o estágio em uma escola estadual localizada próxima a região central de Porto Alegre. A escola possui mais de mil e duzentos alunos, oriundos de diversos bairros da periferia, e funciona nos três turnos. As aulas de Arte ocorrem uma vez por semana em períodos de 50min, e em sala de aula convencional. Estagiei em três turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, realizamos quatorze encontros, completando 40h de aula. As turmas possuem mais de vinte e cinco alunos com idades que variam muito devido ao alto índice de repetência. Os relatos e reflexões presentes neste capítulo são referentes aos encontros ocorridos com a turma do nono ano do Ensino Fundamental.

3.1 PRÁTICAS EM SALA DE AULA

As questões presentes nesta pesquisa me acompanharam ao longo da realização do estágio docente, servindo também como disparadoras de propostas e como base para minha atuação como professora. Durante este período foi difícil me distanciar da prática e refletir sobre o estágio de forma mais profunda, pois acredito que para esse aprofundamento é necessário um intervalo maior entre a prática, a reflexão e a escrita. No entanto a cada aula me propunha a pensar sobre minhas escolhas e maneira de agir, e felizmente percebi que em vários pontos, minha experiência anterior como mediadora me direcionou para uma postura mais próxima ao que eu acredito ser extremamente positivo como professora.

Como mediadora é exigido de nós certa presença no espaço, nos deslocamos, circulamos entre a turma e nos posicionamos em determinado lugar a fim de direcionar o foco dos alunos para determinada questão. E em sala de aula não foi diferente, dei-me conta de que em certos momentos esse deslocamento do professor auxilia no relacionamento com a turma, pois, saímos da posição fixa em frente do quadro, por vezes autoritária, e nos colocamos no mesmo lugar que os

alunos.

Ao circular pela sala de aula se percebe melhor como os pequenos grupos se relacionam e como trabalham, e é mais fácil para o professor se aproximar deles e ter conversas mais individualizadas.

Assim como o mediador trabalha a partir das obras de arte, o professor também deveria partir desse princípio, e a presença das obras, ainda que através de reproduções fotográficas, deveria ser constante ao longo das aulas. Procurei sempre trazer para as conversas reproduções em boa qualidade, impressas ou através de projeção digital. A vantagem de utilizar o meio digital é não se restringir em relação a quantidade de obras, então na maioria das vezes optei por trabalhar assim, ainda que as imagens impressas as vezes aproximem mais o espectador da imagem. Explorando a presença da imagem em aula, em meu segundo encontro com o nono ano, realizei uma proposta de construção de um painel sobre da história da arte partindo de algumas obras. Os alunos retiraram de dentro de uma sacola várias imagens pequenas, e alguns textos sobre os principais movimentos artísticos do século XX até a contemporaneidade. Fui feliz em uma das minhas escolhas, pois nesta atividade estava presente a imagem da obra *Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca-Cola* de Cildo Meireles, que posteriormente eles puderam ver ao vivo na Bienal do Mercosul. Durante a atividade realizamos uma espécie de jogo em que aqueles que haviam retirado o texto liam em voz alta e os demais tentavam descobrir se sua imagem se relacionava com as informações lidas, então aos poucos fomos construindo nosso painel de maneira coletiva.



Imagem 1 – Painel sobre a história da arte desenvolvido no estúdio

As imagens por si só já despertaram nos alunos muitas curiosidades e estranhamento, algumas eram obras históricas, mas percebi que eles nunca haviam visto. Neste momento percebi a importância das imagens em sala de aula, e que não podemos deixá-las do lado de fora, esperando que os alunos às encontrem ao acaso.

Dei-me conta também de que assim como durante a visita mediada o mediador estabelece um percurso, com início meio e fim, e escolhe as obras que se relacionam melhor com sua intenção para determinada visita e grupo atendido, como professora também foi construindo esse trajeto. Posteriormente ao trabalho citado a cima, resolvi logo retirar os alunos de suas zonas de conforto e levá-los para o pátio, com a intenção de realizarem uma intervenção no espaço escolar, utilizando fitas adesivas. Minha intenção com essa proposta era de mostrar a turma que a arte está além do que eles estão acostumados a produzir e a ver, e que só existe se é vista por outras pessoas. Quis lhes propor um desafio, exigir que se

dessem conta dos processos que podem envolver uma produção artística, como o projeto, a execução, a intenção e a reação do público, que são questões muito presentes quando mediamos grupos escolares, pois estão presentes em qualquer exposição, mas muitas vezes não entram nas discussões realizadas em sala de aula. Então, divididos em grupos, os alunos assistiram a vídeos, viram imagens, de intervenções urbanas, e posteriormente criaram um pequeno projeto da intervenção que iriam realizar.

Na semana seguinte fomos para o pátio para concretizar o planejamento de cada grupo. Os resultados ficaram muito interessantes, e observar os grupos lidando com as dificuldades de produzir algo em conjunto, com as limitações do espaço e do material foi muito significativo. Enquanto trabalhavam eles iam descobrindo as infinitas possibilidades que existem quando nos propomos a criar algo.

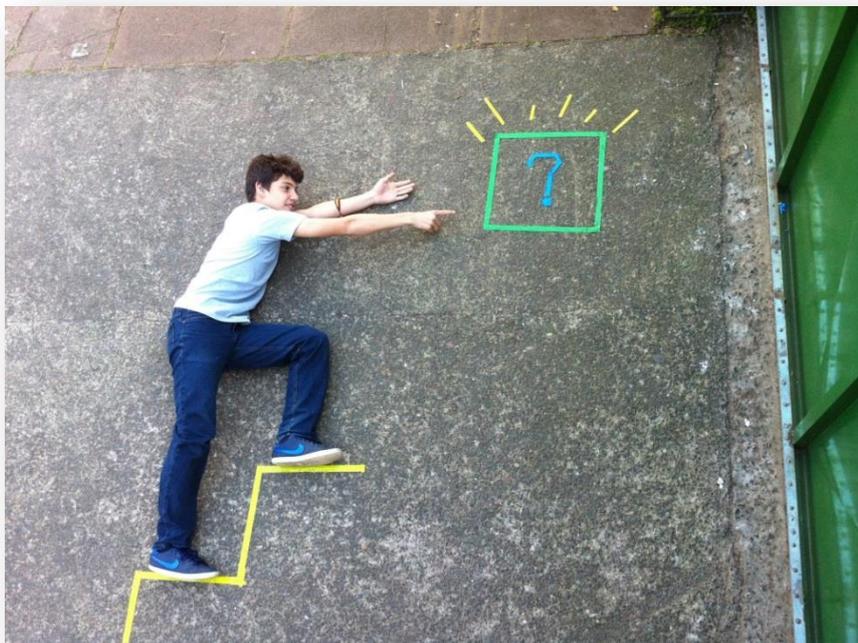


Imagem 2 – Trabalho realizado por grupo de alunos do Ensino fundamental – anos finais



Imagem 3 – Trabalho realizado por grupo de alunos do Ensino Fundamental – anos finais



Imagem 4 – Trabalho realizado por grupo de alunos Ensino Fundamental - anos finais

Dando continuidade ao projeto do estágio, na aula que sucedeu o trabalho de intervenção, levei para a sala de aula as fotografias realizadas, e projetei para a turma junto com outros trabalhos de intervenção urbana. Os alunos ficaram agitados ao ver suas produções, alguns sentiram-se envergonhados, outros orgulhosos, e a partir desta ação discutimos um pouco sobre a experiência de realizar esse trabalho, e relacionei com algumas perguntas presentes no questionário do primeiro encontro. Elencamos alguns dos pontos trabalhados nesta atividade e como isso se relacionava a vida deles e com o nosso cotidiano. A partir daí voltamos nossa discussão para as intervenções urbanas, e mostrei para a turma alguns trabalhos do artista Banksy, com a intenção de explorarmos de que maneira a arte pode fazer um comentário ou uma crítica sobre algum assunto.



Imagens 5 e 6 – Obras do artista Banksy,

Propus então aos alunos, que criassem cartaz, através de desenho e preenchimento com colagem, que fossem uma crítica a algo que lhes incomodava. Inicialmente a turma demonstrou dificuldade em compreender a proposta, mas assim que os lembrei sobre os trabalhos vistos anteriormente, os alunos entenderam e começaram a discutir sobre qual tema iriam escolher. Circulei pela sala a fim de conversar com cada grupo sobre qual seria a intenção deles com cada trabalho, e fui ajudando a dar forma às ideias deles. Surgiram vários temas, desde a desigualdade social, a crise econômica, acessibilidade até a falta de criatividade em nosso dia-a-dia.

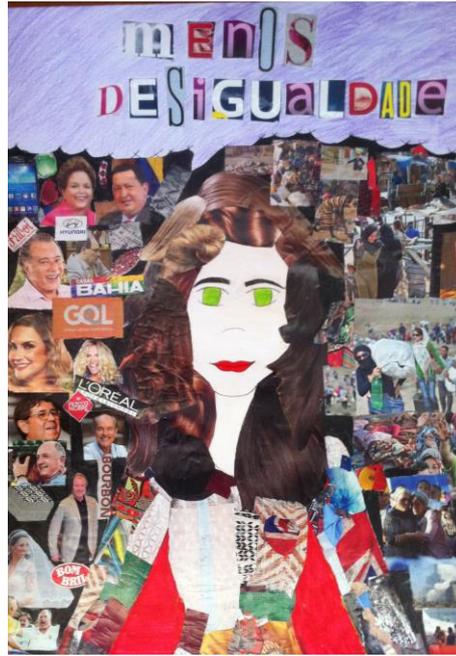


Imagem 7 - Trabalho realizado por grupo de alunos Ensino Fundamental - anos finais



Imagem 8 - Trabalho realizado por grupo de alunos Ensino Fundamental - anos finais

Pensando em dar continuidade ao percurso que escolhi seguir com esta turma e às questões que estávamos trabalhando, como a arte presente nas ruas, a crítica a partir das obras de arte, processo criativo, arte conceitual e contemporânea, leitura de imagens entre outras, e de vivenciar na prática as questões refletidas ao

longo do trabalho de conclusão do curso, procurei me informar sobre a temática da 10º Bienal do Mercosul e escolher o local mais adequado para tratar dessas questões com os alunos. Assim iniciou-se um processo de preparo para concretizar a saída de estudos.

3.2 PREPARAÇÃO PARA A VISITA MEDIADA

Desde o início do estágio docente estabeleci como meta levar ao menos uma das turmas para visitar a Bienal do Mercosul. Para que fosse possível concretizar esse desejo foi necessário lidar com várias questões dentro e fora do ambiente escolar. Qualquer atividade diferenciada como é a saída da escola para visitar outros espaços, demanda diversos cuidados. O professor precisa encontrar colegas parceiros para realizar esse trabalho em conjunto, informar-se sobre as possibilidades de agendamento para uma visita mediada, buscar opções de transporte, encaixar a visita dentro do calendário escolar, visitar a exposição, preparar a turma para a visita e elaborar um trabalho relacionado com a exposição visitada. Talvez para um professor com mais anos de magistérios algumas dessas atividades sejam banais, mas para um estagiário tudo parece mais difícil, pois ele não faz parte da rede de relacionamentos da escola, não conhece todo o corpo docente nem a disponibilidade e interesse da escola em contribuir com esse tipo de proposta.

Sendo assim, conseguir concretizar a visita foi algo bastante trabalhoso. Todas essas dificuldades acabam afastando a escola dos museus e espaços expositivos. O professor que acredita na importância de se visitar exposições de arte e na riqueza de se ver a arte ao vivo, precisa estar disposto a enfrentar certos obstáculos e ser um profissional organizado e seguro de seu trabalho, pois muitas vezes é necessário defender o motivo pelo qual determinada proposta é importante, para se obter apoio dos demais professores.

Uma visita bem aproveitada depende de todas essas questões de organização e principalmente do trabalho prévio realizado em sala de aula. Por vezes, como mediadora, recebi turmas que não sabiam o que estavam indo visitar e nem em que lugar estavam, demonstravam-se perdidos e inicialmente com receio de

expressarem-se. A falta de uma preparação prévia à visita, pode deixar a turma tímida, e com sentimento de inferioridade diante do mediador, que é visto como o detentor do conhecimento. Esse comportamento pode dificultar o estabelecimento de uma conversa entre alunos e mediador, pois quando não nos sentimos seguros temos a tendência a nos silenciar. É importante então que o professor se ocupe em reservar uma aula para conversar sobre a atividade planejada.

Para garantir não apenas a “simpatia” pelo museu, mas também a aprendizagem dos conteúdos planejados para uma visita, é necessário que os alunos sejam preparados previamente para saberem o que vão encontrar no museu e como serão todas as etapas da “saída da escola”, incluindo aspectos que parecem menos relevantes, tais como: quem lhes acompanhará, além dos professores, como irão se distribuir no ônibus, se tomarão lanche, se haverá um monitor para lhes acolher. (GRINSPUM, 2012, documento eletrônico)

Portanto, após conversar com a direção da escola e com os professores envolvidos na atividade, preoquei-me em elaborar uma aula preparatória a visita. Visitei três espaços expositivos da 10ª Bienal do Mercosul e fiz a seleção do lugar que acreditei ser mais interessante para os alunos, no caso o Memorial do Rio Grande do Sul, de acordo com as questões que trabalhamos ao longo do estágio. Visitei a exposição por duas vezes, registrando as obras que considerei mais relevante, percebendo o espaço e refletindo sobre as obras. Após essas visitas, procurei me informar mais sobre as obras e artistas expostos, elaborando um arquivo com o registro fotográfico e pequenos textos vinculados às obras. Então programei a aula preparatória para uma semana antes da visita. Nesta aula fizemos um momento de conversa, em que questionei a turma sobre a Bienal do Mercosul, se eles já haviam visitado, se sabiam o que era, entre outras questões. Conversamos também sobre o Memorial do Rio Grande do Sul, contei um pouco da história do prédio e depois conversamos sobre algumas obras que seriam vistas por eles.

Expus aos alunos meu desejo de que eles interagissem com o mediador, e qual era a intenção daquela aula. Alguns se mostraram bastante interessados fazendo perguntas e comentários, outros apenas escutavam sem demonstrar tanto interesse. Perguntei se eles haviam tido uma aula preparatória antes da visita realizada no começo do ano, a resposta foi negativa, e um dos alunos comentou que ninguém teve essa preocupação com eles. O relato dos alunos, de certa maneira, deixa evidente que muitas vezes as visitas às exposições não são contextualizadas

dentro do currículo da disciplina, tornando-se algo a parte. Ainda que as visitas aos museus e espaços expositivos tenham crescido por parte das escolas nem sempre há uma preocupação com a intencionalidade da visita, mas, de qualquer forma a experiência é extremamente válida, como afirma Denise Grinspum.

Por uma série de razões, os professores cada vez mais levam seus alunos aos museus. Às vezes, o fazem porque pretendem estudar alguns movimentos artísticos ou porque querem aprofundar o conhecimento sobre os procedimentos acumulados historicamente para a elaboração do desenho, pintura, gravura, escultura ou instalações. E às vezes simplesmente não sabem muito bem o que querem, mas acreditam que a experiência pode ser positiva. E realmente é. (GRINSPUM, 2012, documento eletrônico)

3.3 ENCONTROS COM A ARTE NA 10ª BIENAL DO MERCOSUL

Podemos pensar que marcar uma visita à exposição, com um grupo escolar, é como marcar um encontro. Uma semana antes nos preparamos, procuramos nos informar sobre o que iríamos encontrar, que materiais levar, que postura ter entre outros cuidados. Como não conseguimos o transporte da própria mostra, optamos por chegar à Bienal por conta própria, alguns alunos saíram da escola com os professores e os demais nos encontraram lá. O único horário disponível para o agendamento era das 13h às 14h30, e isso implicou em os alunos estarem disponíveis antes do horário da escola para a atividade. O que para alguns foi bastante complicado, devido a realidade deles, de morarem longe e de muitos serem responsáveis por levar seus irmãos à escola. Exponho aqui esses detalhes por considerar que tudo isso afeta o envolvimento do público com as obras e com o mediador.

Ao chegarmos ao Memorial do Rio Grande do Sul ainda precisamos esperar alguns minutos para entrar até que o restante da turma estivesse presente. Fomos recepcionados pela coordenadora dos mediadores, que de forma bem prática passou as informações sobre as regras do espaço expositivo. Dividimos então os grupos, ficando com aproximadamente quinze alunos por mediador, um número considero bom para que fosse possível manter uma conversa. A mediadora responsável pelo meu grupo era alguém que eu já conhecia, então até certo ponto, me senti mais a vontade para interagir com ela e direcionar a visita para as obras que eu gostaria que a turma conhecesse.

A mediadora optou por começar o percurso com a obra de Marcelo Armani

(*Da Escuta da Matéria aos Escombros do Ser, 2015*), vinculando a obra à experiência escolar dos alunos, foi uma boa maneira de iniciar a conversa, buscando aproximar a turma das questões trabalhadas pelo artista. Neste início de visita, a turma estava se mostrando atenta e mantendo certa unidade, mas ainda tímidos para expor suas ideias e responder as perguntas. A mediadora fez alguns questionamentos sobre o que eles sabiam sobre a Bienal e sobre o prédio em que estavam, e posteriormente sobre a obra exposta. A turma se interessou e mostrou certa identificação com trabalho, concordando com o discurso apresentado. Assim o assunto da mostra *Biografia da Vida Urbana*, foi sendo aos poucos introduzido para a turma. Seguimos pelo restando do corredor que abriga o antigo cofre do prédio, solicitei a mediadora que ela enfatizasse obras que fossem alguma espécie de crítica, pois estávamos trabalhando esse conteúdo. Posteriormente fomos direcionados para a obra de Iván Navarro (*Ocio, 2011*) em que os alunos ficaram fascinados. Nesta obra a mediadora explorou a questão técnica da obra, indagando a turma sobre os materiais utilizados, que tipo de ilusão foi criada, ao que eles foram respondendo, então, somente depois de solucionado o mistério, ela contou a motivação do artista para a produção do trabalho, buscando fazer associações com o nosso cotidiano.

Continuamos a visita circulando por alguns trabalhos presentes no térreo até chegar à segunda obra de Marcelo Armani (*Carne seca, 2015*), neste momento fomos convidados a nos sentarmos no chão para olhar e conversar. No entanto, a esta altura já haviam outras turmas circulando pelo espaço, e mais o barulho da própria obra, então em alguns momentos estava extremamente difícil de ouvir a mediadora. Pude perceber que isso foi afastando alguns alunos, que passaram a se posicionar mais ao fundo do grupo e a demonstrar certa impaciência. Somente o grupo de meninas que estavam mais a frente se mostraram mais participativas e interagem mais. Logo após seguimos até a obra de Paulo Climachauska (*Complexo do alemão*), percebi que a turma voltou a se unir e a escutar mais atentamente, talvez por ter sido uma das obras das quais comentei em sala de aula eles estivessem mais confiantes em conversar sobre, ou interessados em escutar. Neste momento e depois ao longo da visita, foi ficando evidente que os alunos se atraíam mais por obras de fácil compreensão visual, que possuíam ou faziam referência a objetos conhecidos por eles, como foi o caso desta obra. Atribuo isso ao fato de que o repertório visual deles é escasso no que diz respeito às obras de arte

contemporânea, e pouco estão acostumados a observar e conversar sobre produções artísticas, logo, prendem-se as imagens que já possuem certo registro presente na memória deles ou que sejam de fácil identificação.

Continuamos nosso percurso passando pelo trabalho de Cícero Dias (*Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife*) e depois pedi que a turma pudesse ver a obra de Cildo Meireles (*inserções em circuitos ideológicos: Projeto coca-cola*). Neste momento foi muito interessante perceber a reação dos alunos ao se depararem com uma obra que eles haviam visto impressa em tamanho reduzido, pois havíamos utilizado esta obra no início do estágio em uma das propostas. Eles a reconheceram a primeira vista, e logo começaram a fazer perguntas demonstrando bastante interesse, neste momento contribuí com a fala da mediadora falando sobre o que havíamos conversado em sala de aula sobre arte conceitual, a fim de mostrar à eles que os conteúdos das aulas também estão nos museus, e que é possível ver arte ao vivo sem precisar sair de sua cidade. Logo depois subimos para o outro espaço expositivo com a finalidade de assistir ao vídeo da obra de Alfredo Jaar (*A logo for America*), outra obra que também havíamos conversado em sala de aula, a turma mostrou-se bastante curiosa e compartilhavam do discurso do artista, opinando e fazendo comentários. A mediadora era bem direta e já foi logo explicando a obra e posteriormente fazendo comentários sobre a visão dos alunos e a questão proposta pelo artista.

Terminamos a visita passando pelo trabalho do artista André Nazareth, e seguindo para o vídeo de Allora & Calzadilla (*Under discussion*, 2005). Fomos convidados pela mediadora a nos sentarmos dentro da sala de exibição, ao que a maioria dos alunos, já cansados, acatou. Este foi o momento em que mais houveram questionamentos e que a turma toda se envolveu na tentativa de compreender o que estavam assistindo. A imagem de um homem navegando sobre a parte de baixo de uma mesa, gerou um incomodo nos alunos. Que homem era aquele? Que lugar era esse? Por que ele navega em uma mesa? Se ele tem um barco, porque não utiliza-o? Todas essas questões foram levantadas pela mediadora, e inicialmente os alunos não compreenderam onde ela queria chegar com esses questionamentos, mas conforme tentavam hipóteses, foram percebendo que o vídeo é válido como imagem, pois lhes chamava a atenção, causava estranhamento e certo interesse, mas que ele podia ser aprofundado e desvendado. No entanto, eu e a mediadora precisamos dar dicas do motivo pelo qual aquele homem navegava sobre a mesa,

para que finalmente a turma percebesse que, um dos motivos pelo qual não utilizamos determinado objeto quando nos convém se dá em razão da proibição imposta por algo ou alguém.

Naquele instante foi como se todas as obras visitadas anteriormente fizessem sentido, uma vez que a turma compreendeu que em certos momentos, a obra de arte pode ser uma porta para um infinito de possibilidades. E que dificilmente ela não se relacionará com algo atual ou que faça parte das nossas experiências. A partir do vídeo a mediadora trouxe a questão da demolição do cais Mauá e relacionou o fato de que inúmeras decisões, que afetam a vida na cidade, são tomadas sem que os cidadãos sejam consultados. A turma toda se envolveu e refletiu brevemente sobre o assunto, demonstrando certa revolta. Nossa visita terminou assim, a mediadora nos acompanhou até o térreo, e saímos rodeados por várias questões.

3.3.1 APONTAMENTOS IMPORTANTES

Pensando nas questões e reflexões realizadas ao longo de todo o texto, percebi na prática como algumas delas aparecem. A questão da figura do mediador, e a maneira como ele se relaciona com o grupo foi bastante marcante para mim nessa experiência. A maioria dos mediadores presentes no espaço eram jovens, com ar de universitários, e percebi que se locomoviam com bastante naturalidade se mesclando ao grupo escolar. Seus uniformes eram somente um avental bege, e podíamos ver a individualidade de cada um. A fala da responsável pela mediação da turma era muito informal, e em certos pontos se aproximava da fala dos alunos, com termos e expressões pertencentes também ao vocabulário deles. Acredito que esse comportamento tenha aproximado o grupo da mediadora, e até mesmo lhes causado certo estranhamento, pois os alunos tem a ideia de que o museu é um lugar sério e rígido, muitas vezes se sentem inferiores e não conseguem ficar a vontade naquele espaço. Imagino que esperavam encontrar outro tipo de pessoa como mediadora, e perceber semelhanças com aqueles que nos orientam me parece ser algo muito positivo para este tipo de experiência.

Outro aspecto que me chamou atenção foi a interferência do espaço expositivo sobre as obras e a mediação. Não foram poucos os momentos em que não era possível escutar a fala da mediadora, e a dos alunos, e isso se deu em parte pela própria maneira de se expressar da mediadora mas também em razão do

prédio em que estávamos, e devido ao som de algumas obras. Em consequência disso, alguns alunos se dispersavam enquanto a mediadora falava para alguns poucos. A base deste modelo de mediação é a fala, é a ferramenta que se utiliza para mediar, e quando essa é dificultada por alguma razão a magia vai se perdendo, e a motivação dos alunos vai se apagando. Não que o mediador precise gritar ou algo semelhante, mas ele precisa adequar sua fala as necessidades do momento, escolher um lugar melhor para se colocar no espaço, a todo momento lembrar o grupo de que eles precisam ficar próximos, fazer variações no tom de voz e na forma de falar. Esse tipo de prática pode ajudar a enfrentar situações difíceis que tendem a acabar com uma boa visita.

Ainda sobre o espaço, foi impossível não sentir e não notar o desconforto dos alunos dentro da exposição. O prédio do Memorial do Rio Grande do Sul não possui ar condicionado nos espaços expositivos e a sensação de abafamento era grande. Os alunos suavam, e faziam comentários sobre estarem se sentindo mal e com muita sede, demonstravam cansaço e fome, também devido ao fato de terem saído cedo de suas casas, alguns sem almoçar. Ainda que alguns exagerassem, era evidente que estavam cansados e que o clima não estava ajudando, digo isso porque compartilhava do sentimento de alguns. A própria mediadora também apresentava um ar de cansaço e o clima todo da visita foi pautado por essa sensação, sem que houvesse momentos muito dinâmicos, e sempre que éramos convidados a sentar, a maioria acatava. Dessa forma a circulação do grupo pelo espaço se deu de forma lenta e bastante controlada, sem se assemelhar em nada com a postura que eles possuem em sala de aula. Alguns alunos reclamaram por ficarmos muito tempo vendo uma mesma obra, ou então do fato de a mediadora falar bastante, sem muito espaço para eles olharem sozinhos, mas considero que essa impaciência ocorre também por eles não associarem esse tipo de prática à aprendizagem. Ou de não perceberem que para o momento ser significativo seja preciso se envolver e estar presente.

Talvez se fosse um grupo de pessoas mais familiarizadas com produções artísticas e com esse tipo de visita, a mediador não precisasse discursar tanto, e a conversa aconteceria de forma mais natural pela própria iniciativa dos alunos. Luiz Camnitzer (2009, p.16) questiona como é possível criar uma distância crítica em um público que não tem experiência com obras de arte, e é essa a questão que norteia as mediações dos grupos escolares na maioria dos casos. Será através da

apresentação do discurso do artista, ou do curador anteriormente às indagações do público, para que eles possam falar sobre o trabalho com alguma base? Ou devemos dar o tempo para o olhar e para indagar, dar espaço para as dúvidas e hipóteses? É preciso nos dar conta de que o conhecimento que existe em nossa consciência, obrigatoriamente, passou pela percepção (SCATOLINI,2009,p:64) , logo, devemos dar tempo para exercitarmos nossa percepção diante do mundo.

Aí está a importância da mediação do arte/educador na relação entre a obra e o educando. São oportunidades de desenvolver a percepção, imaginação, classificação, interpretação, apreensão da realidade, comparação, análise e criatividade, além do exercício de desconstrução e reconstrução, de reelaboração das situações da vida, que geram novas possibilidades. (SCATOLINI,2009,p:71)

A maneira como mediador irá tentar oportunizar esse desenvolvimento irá depender de muitas coisas, de sua formação, de sua experiência, da turma que eles recebe, das obras expostas, da organização do espaço expositivo entre outros aspectos. Mas, o importante é que ele não se esquece da importância desse encontro, e do poder que ele possui como mediador.

3.3.2 REGISTROS DE UM ENCONTRO

A fim de perceber mais individualmente como foi para cada aluno visitar a Bienal planejei uma proposta de trabalho que integrasse de certa forma alguns conceitos da mostra. Partindo do título adotado para essa edição da Bienal, *Mensagens de uma nova América*, e da ação realizada pela Petrobras, produzi para os alunos um modelo de cartão postal para que realizassem um trabalho. Criei um cartão um pouco maior que o convencional para disponibilizar mais espaço para escrita e para o registro gráfico.

TÍTULO DA MENSAGEM:

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

NOME:

The image shows a blank postcard template. At the top left, there is a label 'TÍTULO DA MENSAGEM:' followed by a horizontal line. Below this, there are eight horizontal lines for writing. At the top right, there is a postage stamp area with a wavy line and a rectangular box. Below this, there are eight horizontal lines for writing. At the bottom left, there is a label 'PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015' followed by a horizontal line. At the bottom right, there is a label 'NOME:' followed by a horizontal line.

Imagem 9 – cartão postal entregue aos alunos

Após elaborar a proposta, entrei em contato com o setor educativo do Santander Cultural a fim de conseguir agendar um dos ateliês que eles possuem, para realizar o trabalho após a visita. Felizmente minha proposta foi bem acolhida e conseguimos utilizar o espaço Logo após o término da visita mediada no Memorial do Rio Grande do Sul, acompanhei a turma até o Santander Cultural e nos dirigimos para o ateliê I, no segundo piso. Esse espaço oferece quatro mesas para até seis pessoas, além de alguns materiais, como lápis, caneta, giz de cera, entre outros, sendo excelente para uma aula de artes, muito diferente do ambiente que encontramos na escola. A postura dos alunos também se distanciou bastante da habitual, estavam mais concentrados, não circulavam entre os colegas nem gritavam ou brigavam. Acredito que foi um momento de pausa dentro da visita, e que conseguiram assimilar alguns pontos da mediação e das obras, um descanso produtivo.

Cada aluno recebeu um cartão postal com o verso em branco e propus que eles escrevem uma mensagem para alguém sobre uma das obras observadas na exposição, falando sobre o que viveram naquele dia. Contei um pouco sobre a utilização dos cartões postais, e sobre as imagens que costumam ilustrar esses cartões, para que eles conseguissem visualizar melhor a proposta. Expliquei que no verso da mensagem eles deveriam fazer um registro gráfico desta vivência ou da

obra escolhida. Os alunos ficaram confusos sobre esse registro, então para exemplificar mostrei-lhes o diário gráfico que construí para a disciplina do estágio, explicando sobre o processo de construção do mesmo. Embora eles tenham mostrado compreensão, todos os alunos optaram por fazer uma reprodução da obra escolhida, desenhando e pintando.

Conforme eles escreviam me mostravam aguardando aprovação. A maioria iniciou o trabalho elaborando a mensagem e deixando o registro gráfico para o final. Notei que embora eles estivessem envolvidos na atividade o trabalho ficou bastante simplificado, foram poucos os alunos que exploraram as possibilidades dos registros, tanto escrito quanto gráfico. Imaginei que motivados pelas obras observadas anteriormente eles iriam explorar os materiais e outras maneiras de se expressarem. Foi interessante perceber que as obras escolhidas para o registro se repetiam, somente alguns alunos optaram por enfatizar obras distintas.

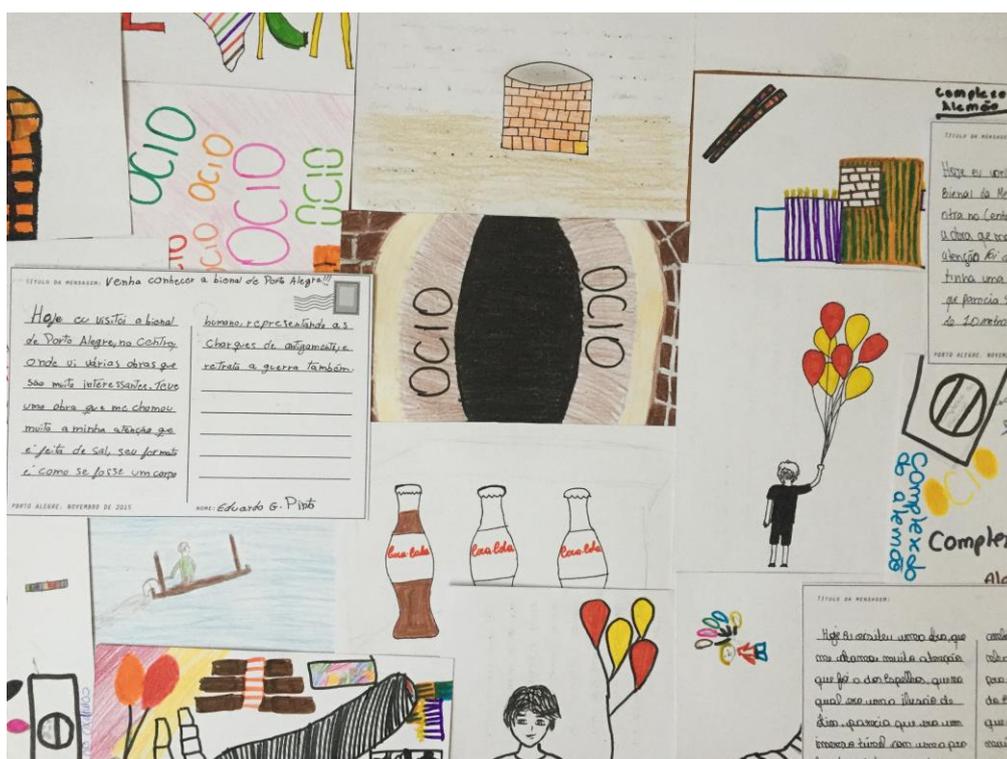


Imagem 10 – trabalhos realizados pelos alunos após a visita à Bienal do Mercosul

Percebi que almejar uma desconstrução da maneira como produzem ocorre aos poucos, e que eles precisam ser instigados com imagens, obras e propostas que exijam novas soluções, e que permitam a criação de hipóteses. Ainda assim,

fiquei bastante satisfeita com a produção da turma⁹ e principalmente em compartilhar com eles um momento significativo dentro da trajetória escolar desses alunos. Pude perceber que a turma se sentiu valorizada em poder trabalhar em um espaço como aquele, dentro de um prédio histórico e tão imponente. Minha escolha em realizar o trabalho dessa maneira foi também com esta intenção, pois, a meu ver essa atitude demonstra para os alunos uma valorização da produção deles assim como explicita a confiança que o professor possui em cada um. Propostas como essas que se distanciam das habituais trabalhadas em sala de aula possuem uma chance maior de se tornarem significativas e se inserir na memória dos alunos como uma experiência positiva.

⁹ Alguns trabalhos podem ser vistos no Anexo C.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho tentou-se refletir sobre a prática dos educadores que integram os setores educativos dos museus e instituições de arte e a prática do professor no espaço formal de ensino. Olhar para os espaços de encontros com a arte e questionar maneiras de nos aproximarmos das produções artísticas, como educadores e refletir sobre como nossos alunos podem também vivenciar um contato mais significativo com as obras de arte. Ao dar enfoque aos setores educativos e às formações para educadores por eles oferecidas, mostro-me a favor da ampliação desses espaços e de um estreitamento de relações entre estes departamentos e a escola, ressaltando a importância das formações específicas e continuadas em minha formação como professora.

O conceito de mediação e seus desdobramentos percorrem todo o trabalho, servindo como um fio condutor para abordar as temáticas presentes neste texto, e como uma direção a ser seguida em minha prática. Ao final do trabalho percebo que optar por discorrer sobre esse tema no segundo capítulo, entre os setores educativos, formações para educadores, e a prática em sala de aula, é consequência de como compreendo a importância da mediação, pois de fato ela é um “estar entre”, e neste caso, ela serve de laço entre o espaço formal de ensino da arte e o espaço não formal.

Os encontros com a arte estão mais escassos e superficiais para aqueles que não fazem parte deste meio. Não há tempo para visitarmos exposições, o público desconhece os espaços expositivos e as ações culturais da cidade. Algumas escolas parecem estar paradas em algum ponto da história da arte e parecem não avançar, tratam dos mesmos artistas, insistem em determinadas práticas, e não dão a devida importância para a qualidade e o conteúdo das imagens que entram em sala de aula. Ausentam-se assim de seu papel como formadoras de público.

Para que esses encontros ocorram com qualidade, o professor e os espaços expositivos possuem papel fundamental. A importância que o professor de arte dá para o contato dos alunos com as obras de arte e com suas reproduções fotográficas, e a maneira como ele elabora esse contato determinará a qualidade destes momentos. Um professor que circula entre as exposições em cartaz em sua cidade, participa da formação para educadores oferecida pelos espaços expositivos, para aumentar seu repertório e aumentar suas referências de trabalho, encontra-se

mais atualizado e é capaz de promover momentos de aprendizagens mais significativos para seus alunos.

Foi possível perceber que buscar aliar a prática do professor ao setor educativo dos museus demonstra-se positivo para educadores e alunos. No entanto, promover saídas para visitar as exposições ainda é algo trabalhoso e que exige um investimento grande por parte dos professores. Mas que quando ocorre faz valer a pena qualquer dificuldade enfrentada. Acredito que não há como ministrar uma disciplina de artes, falar de arte, explorar a prática artística, sem conhecer as obras ao vivo. É no contato real com as obras que o público constrói suas impressões e valoriza este tipo de produção. Esse contato pode, ou não, ser mediado por um educador, no caso dos grupos escolares a presença de um mediador tem se mostrado muito significativa, e as atuais concepções de educação não formal em espaços expositivos contribuem em muito para a qualidade das mediações.

As ações dos mediadores procuram explorar o repertório dos alunos e acolher suas contribuições, abrindo espaço para que eles questionem, critiquem, surpreendam-se e construam seus significados. Mediar encontros com a arte exige que o mediador esteja disposto a ver a arte novamente, a cada novo encontro, com os olhos também daqueles que acompanham, se fascine, surpreenda-se, revolte-se, questione e reflita de forma compartilhada com o público. Este tipo de atitude pode estar em sala de aula através do professor que acredita neste tipo de prática.

Através da experiência do estágio pude perceber como algumas questões discutidas na pesquisa aparecem no cotidiano das escolas e dos espaços expositivos. Aliado às minhas próprias vivências a possibilidade de conhecer o ponto de vistas de outros professores e mediadores também foi fundamental para aprofundar a reflexão, e evidenciar que as investigações a cerca da mediação da arte no contexto escolar e fora dele fazem-se pertinentes no momento atual .

Acredito que ainda há muito a ser explorado nas relações entre esses dois espaços, escola e exposições de arte, tanto partindo do ponto de vista dos professores e mediadores, quanto dando voz as percepções do alunos. Também considero pertinente um desdobramento desta pesquisa que busque refletir e questionar mais ações práticas baseadas nesses estreitamentos, para materializar e mostrar as possibilidades de trabalho, vinculadas à esta temática.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editoria Unesp, 2009. 346 p.

BAY, Dora Maria Dutra. **Museu e Escola: um diálogo possível**. 2012. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69312&>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

BLANCO, Angela Garcia. La exposición, medio de comunicación para divulgar conocimientos. In: BLANCO, Angela Garcia. **La exposición un medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 1999. Cap. 2. p. 36-71.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p.20-28, Janeiro, 2002.

CARVALHO, Ana Maria Albani de. A exposição como dispositivo na arte contemporânea: Conexões entre o técnico e o simbólico. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 48-58. jul/2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/7903/6031>. Acesso em: 15/05/2015

COUTINHO, Rejane Galvão. QUESTÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE MEDIADORES CULTURAIS. In: **anpap encontro da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas transversalidades nas artes visuais**, 18., 2009, Salvador. Anais... . Salvador: Edufba, 2009.p. 3737 - 3749. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 646 p.

GRINSPUM, Denise. **Museu e escola: responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. 2012. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69311&>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (Org.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. 421 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. O diálogo como mediador da aprendizagem na construção do sujeito na sala de aula. **Pátio: Revista pedagógica**, Porto Alegre, v. 22, n. 5, p.19-21, Julho, 2002. Bimestral.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação: provocações estéticas**. São Paulo: Pós-graduação - Instituto de Artes da Unesp, 2005. 141 p.

ORNELAS, Marta Sobral Antunes. Da sala de aula para o museu: desigualdade e desencontro nas visitas escolares a museus de arte contemporânea. **Matéria-prima: Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário**, Lisboa, v. 1, n. 2, p.179-187, jul. 2013. Semestral.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luis (Org.). **Educação para a arte Arte para a educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. 388 p.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. Cap. 1. p. 7-17.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão do desenvolvimento estético. In: PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. Cap. 2. p. 19-29.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: Leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Editoria Mediação, 2003. 140 p.

APÊNDICE - Questionário entregue para as turmas do estágio

Estágio docente disciplina de Artes

Professora Thayse

NOME: _____

TURMA: _____

“Só a arte permite a realização de tudo o que na realidade a vida recusa ao homem.”

Johann Goethe

Você considera Artes uma disciplina importante na sua formação escolar? Explique sua resposta.

O que você acredita ser fundamental em uma aula de Arte?

Você gosta de desenhar?

Você se lembra de algum trabalho realizado nesta disciplina que você tenha gostado muito de fazer? Explique.

O que você gostaria de aprender? Por quê?

Você costuma ir a exposições de arte com a escola? Gosta deste tipo de atividade? Por quê?



**ANEXO A – Questionários realizado com os professores
participantes do Projeto Vincular
PROFESSOR 1**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES
VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo as questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

() Sim, frequentemente () Sim, raramente (X) Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

() Sim, visito sozinho. (X) Sim, visito com mediador. () Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

(X) Sim () Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

(X) Sim () Não () Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: Geralmente busco conhecer a exposição antes para que haja um diálogo com o projeto que está sendo trabalhado com a turma.

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

() Sim () Não (X) Pouco

Fique a vontade para falar mais: Como eu escrevi acima busco fazer essa mediação não sobre a exposição e meus alunos, como as possibilidades de visitação nas mínimas quando ocorrem que sejam preventivas - 4º ano da rede municipal.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

(X) Sim, são úteis e bem feitos. () Sim, utilizo apenas as imagens. () Não.

() Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

(X) Sim, sempre. () Sim, raramente. () Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

(X) Através de imagens impressas. (X) Através de apresentações digitais. () Contato direto com as

obras.

Outros: _____

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
- Mostram-se interessados, mas quietos.
- Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
- Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.
- É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? Flexibilidade e clareza nas mediações para que seja um momento prazeroso e os visitantes sintam-se à vontade.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição?

Tem boas experiências. Os mediadores mostram-se disponíveis e se comunicam de forma clara, com comunicação empática, direcionando a imaginação dos alunos.
 Ex: Fundador Ilvê Camargo.

14. O que é mediação para você?

Fazer a interlocução da obra, do artista aos visitantes, fazendo-os adentrar nos nuances do que o artista quer transmitir.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e contato: _____

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES
PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES
VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

() Sim, frequentemente () Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

Sim, visito sozinho. () Sim, visito com mediador. () Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

() Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

Sim () Não () Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: *Ambar em um determinado tempo e espaço tenta criar uma abertura para construir caminhos, pontos de ligação entre o que existe, falado, vivido (experiência) interiormente (subjetividade) e os acontecimentos do mundo objetivo.*

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

() Sim () Não Pouco

Fique a vontade para falar mais: _____

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

() Sim, são úteis e bem feitos. () Sim, utilizo apenas as imagens. Não.

() Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

Sim, sempre. () Sim, raramente. () Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

() Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. () Contato direto com as obras.

Outros: _____

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- () Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
 Mostram-se interessados, mas quietos.
 () Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. () Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. () Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- () Eles devem ser da área de artes. () Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
 () Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.
 É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? *Uma postura receptiva, que seja provocador acima de tudo, questionando mais do que respondendo.*

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? *Acredito que o professor acabe ficando em segundo plano, tornando-se mais um supervisor do comportamento dos alunos.*

14. O que é mediação para você? *Criar um espaço de questionamentos e provocações.*

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- () Não Sim

Deixe seu nome e contato

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

 Sim Não Poucas aproximaçõesFique a vontade para falar mais: O mediador é fundamental para explorar mais a exposição. Mesmo que o professor fale e trabalhe muito antes, diante da obra e no espaço da exposição as percepções não foram aprofundadas.

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

 Sim Não PoucoFique a vontade para falar mais: Uma exposição sempre leva o aluno a pensar seu espaço e tempo cotidiano.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. Não. Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. Sim, raramente. Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.

Outros: _____

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.

Mostram-se interessados, mas quietos.

Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.

Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.

É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? que não diga o que o artista quis dizer, mas que instigue o aluno a tirar suas próprias percepções.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? prefiro deixar o mediador livre para fazer sua mediação e trabalhar com os alunos na escola (no retorno)?

14. O que é mediação para você? Fazer pensar.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

Não Sim

Deixe seu nome e contato:

Não sou experiente em experiências.

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente () Sim, raramente () Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. () Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

() Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

() Sim () Não Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: Acredito que na maioria das vezes, os professores (não todos!), estão mais engessados, pois os mediadores em sua maioria se preparam de várias formas. Talvez o ideal seria que o Professor fosse Mediador.

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

() Sim () Não Pouco

Fique a vontade para falar mais: Nas vezes que visitei exposições com mediadores, nunca percebi algo imposto nas apresentações... eram oferecidos questionamentos a cerca das obras.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. () Sim, utilizo apenas as imagens. () Não.

() Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. () Sim, raramente. () Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. () Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.

Outros: Através de contações de histórias, livros relacionados e vídeos (desenhos) de acordo com o tema abordado.

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
- Mostram-se interessados, mas quietos.
- Não demonstram interesse.

Outro: Como trabalho com educação infantil, geralmente eles exploram 1º o espaço, depois as obras.

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não. Porque há exposições com mais à ser explorado. Marquee sim por causa do meu público! senão ficam inquietos se for mais longo, mas para os adultos ou adolescentes, podem aumentar

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
- Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.

É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: Acho legal serem de outras áreas também, mas fundamental a inserção da área das artes.

12. Que postura você espera do mediador?

Que não sejam apáticos e enegados, tempo e "entregam" a exposição pronta ao público.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição?

Geralmente os professores deixam os alunos na exposição e vão passear (pelo shopping ou pela cidade), eu quando acompanho meus alunos, acompanha e faço mediação.

14. O que é mediação para você?

É aproximar o público com as obras e o espaço, não distanciá-los.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e conta

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

Boa Sorte!

PROFESSOR 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

 Sim Não Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: _____

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

 Sim Não PoucoFique a vontade para falar mais: Às vezes o professor segue
aprofunda a temática da exposição em sala de
aula

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. Não. Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. Sim, raramente. Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.

Outros: _____

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.

Mostram-se interessados, mas quietos.

Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.

Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.

É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? Dinamismo, facilidade de comunicação, empatia.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição?

Às vezes o mediador se sente inseguro diante do professor e isso atrapalha o seu trabalho

14. O que é mediação para você?

Mediação é troca, diálogo, novos pensamentos a partir da obra, desdobramentos

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

Não Sim

Deixe seu nome e contato

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES
VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo as questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

() Sim, frequentemente (X) Sim, raramente () Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

() Sim, visito sozinho. (X) Sim, visito com mediador. () Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

(X) Sim () Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

() Sim () Não (X) Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: São ambientes diferentes

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

() Sim () Não (X) Pouco

Fique a vontade para falar mais: Apesar da exposição do mediador, a realidade de cada um é muito fácil p/ transpo.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

(X) Sim, são úteis e bem feitos. () Sim, utilizo apenas as imagens. () Não.

() Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

(X) Sim, sempre. () Sim, raramente. () Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

(X) Através de imagens impressas. (X) Através de apresentações digitais. (X) Contato direto com as obras.

Outros: _____

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
- Mostram-se interessados, mas quietos.
- Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
- Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.
- É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? que dê abertura e reciprocidade nas intervenções com os alunos.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? Pouca são práticas que exigem encaminhamento distinto.

14. O que é mediação para você? Uma apresentação aproximando do(a) obra e espectador.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e contato:

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

 Sim Não Poucas aproximaçõesFique a vontade para falar mais: Sim, porque não visitamos uma exposição simplesmente por visitar, há um objetivo onde é desenvolvido um trabalho para que os alunos saibam o porquê da visita.

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

 Sim Não PoucoFique a vontade para falar mais: Não, porque existe este estudo pré.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. Não. Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. Sim, raramente. Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.Outros: Releituras

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
 Mostram-se interessados, mas quietos.
 Não demonstram interesse.

Outro: Apesar de serem da Educação Infantil, são questionadores.

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
 Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.
 É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: Que estejam preparados para quaisquer questionamentos.

12. Que postura você espera do mediador? Gentil, educado e que saiba usar sua sala ao nível dos visitantes.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição?

Me parece uma relação meio distante.

14. O que é mediação para você? Interagir com os visitantes.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e contato:

r.

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

 Sim Não Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: _____

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

 Sim Não PoucoFique a vontade para falar mais: São mundos bastante distantes

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. Não. Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. Sim, raramente. Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.Outros: Livros

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
- Mostram-se interessados, mas quietos.
- Não demonstram interesse.

Outro: querem tocar (esculturas, texturas) mas não podem.

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo? Tem sempre o depois.

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
- Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.
- É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? Ser também acolhedor, comunicativo

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? Algumas vezes.

14. O que é mediação para você? Despertar o interesse, além da informação.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e con _____

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo as questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente () Sim, raramente () Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. () Sim, visito com mediador. () Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim () Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

() Sim () Não Poucas aproximaçõesFique a vontade para falar mais: NORMALMENTE A MEDIAÇÃO TRAZ O COMPONENTE VISÃO DO MEDIADOR, E ACRESCENTA ALGO DIFERENTE.

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

() Sim Não () PoucoFique a vontade para falar mais: NADA E ARTE TEM SEMPRE MUITO A VER

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. () Sim, utilizo apenas as imagens. () Não.

() Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. () Sim, raramente. () Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

() Através de imagens impressas. () Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.Outros: ATRAVÉS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
- Mostram-se interessados, mas quietos.
- Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
- Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.

É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: VALE AQUI O

MESMO QUE RESPONDI NA QUESTÃO 5

12. Que postura você espera do mediador? CONHECIMENTO E ATENÇÃO

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? FUI MEDIADOR EM 3 EDIÇÕES DA BIENAL

DO MERCOSUL, E ME INCOMODAVA COM OS PROFESSORES NÃO PARTICIPATIVOS

14. O que é mediação para você? TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e contato

(K)

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente () Sim, raramente () Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

() Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. () Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim () Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

() Sim () Não Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: _____

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

() Sim () Não Pouco

Fique a vontade para falar mais: _____

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

() Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. () Não.

() Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. () Sim, raramente. () Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. () Através de apresentações digitais. () Contato direto com as obras.

Outros: _____

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- () Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
 (X) Mostram-se interessados, mas quietos.
 () Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- () Sim. () Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. (X) Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- () Eles devem ser da área de artes. () Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
 () Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.
 (X) É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? *Sua função é fazer articulações entre os conteúdos transmitidos e a arte, a história, o contexto;*

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? *Nem sempre existe a articulação entre o museu, a exposição, o professor e os alunos*

14. O que é mediação para você? *(É uma) aproximação entre a arte e o público com diversas formas de diálogo*

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- () Não (X) Sim

Deixe seu nome e contato

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 11

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

 Sim Não Poucas aproximações

Fique a vontade para falar mais: _____

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

 Sim Não PoucoFique a vontade para falar mais: Acho que depende muito do contexto e do que é visto em cada exposição.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. Não. Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. Sim, raramente. Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.Outros: Por conta da falta de recursos de minha escola, costumo utilizar materiais impressos e de faixas manuseios.

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

(X) Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.

() Mostram-se interessados, mas quietos.

() Não demonstram interesse.

Outro: _____

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

() Sim. (X) Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. () Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

() Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.

(X) É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: _____

12. Que postura você espera do mediador? O mediador deve ou deveria estar entre, entre os lados, público e obra. O mediador propicia um diálogo, uma troca e questionamentos a cerca do que é visto e levantado pelo público.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? As vezes a relação é pouca. Mas quando existe esta relação o desenvolvimento do papel do mediador é muito melhor. Esta parceria deveria estar sempre presente nas instituições de arte.

14. O que é mediação para você? Mediação é acolher o público no espaço expositivo estabelecendo relações de diálogo, de ouvir o outro, de trazer informações e questionamentos para esta conversa informal.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

() Não (X) Sim

Deixe seu nome e cont _____

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

PROFESSOR 12

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE ARTES – INSTITUTO DE ARTES

PESQUISA INTEGRANTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se possível colaborar com a pesquisa respondendo às questões, obrigada.

1. Você costuma levar seus alunos às exposições de arte? Com que frequência?

 Sim, frequentemente Sim, raramente Não

2. Você costuma visitar as exposições antes de levar sua turma? Visita sozinho ou acompanhado de um mediador?

 Sim, visito sozinho. Sim, visito com mediador. Não.

3. Você vê necessidade de ter um mediador acompanhando a turma?

 Sim Não

4. Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?

 Sim Não Poucas aproximaçõesFique a vontade para falar mais: Quando o professor leva sua turma as museus precisa ter conhecimento da exposição, para poder interagir e esclarecer ao aluno sobre este momento da exposição.

5. Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições com a realidade dos alunos e das escolas?

 Sim Não PoucoFique a vontade para falar mais: Isto vai depender do assunto que está sendo trabalhado, acredito que o professor deve ter uma intencionalidade.

6. Você utiliza os materiais pedagógicos oferecidos para os professores nas exposições? O que acha desses materiais?

 Sim, são úteis e bem feitos. Sim, utilizo apenas as imagens. Não. Não, acho que não são bem elaborados.

7. Você costuma participar das formações oferecidas aos professores?

 Sim, sempre. Sim, raramente. Não.

8. De que maneira você proporciona o contato entre seus alunos e as produções artísticas?

 Através de imagens impressas. Através de apresentações digitais. Contato direto com as obras.Outros: Através de livros de literatura que envolvem Artes.

9. Como é a postura dos alunos durante e visita mediada?

- Eles interagem com o mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
 Mostram-se interessados, mas quietos.
 Não demonstram interesse.

Outro: Tudo vai depender do grupo a ser assistido.

10. Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa. Não.

11. O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes. Devem ser licenciados e ter experiência como professores.
 Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.

É importante que conheçam assuntos diversos. Outros: Os mediadores devem ter uma boa formação, interesse e sempre procurar conhecer mais.

12. Que postura você espera do mediador? A postura do mediador que espere é que ele saiba interceder quando solicitado e que faça com que o grupo se sinta instigado a participar deste momento.

13. Durante suas visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador da instituição? Dentro do possível essa relação deve ser amigável e de trocas de conhecimento entre ambos.

14. O que é mediação para você? Mediar é fazer uma troca de conhecimentos dentro do possível e de acordo com que o grupo participante solicitar.

Você aceitaria marcar um encontro para que possamos conversar mais sobre algumas das perguntas?

- Não Sim

Deixe seu nome e contato: - x -

Obrigada por participar!

Essa pesquisa será muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho!

Thayse Martins

ANEXO B – Questionário realizados com mediadores**Pergunta 1:****Como você vê o trabalho do mediador?**

- Pouco valorizado pelos visitantes.
- Bem valorizado pelos visitantes.
- Outro:

Respostas:

1. Acredito que os visitantes não conhecem o trabalho dos mediadores, só os professores ou os pais que tiveram contato com vistas mediadas dos filhos têm a noção da dimensão e importância dos mediadores
2. Pouco valorizado pelos visitantes.
3. Bem valorizado pelos visitantes.
4. Depende do visitante. As vezes o público entra na exposição e nem nos enxerga, outros visitantes vão direto falar com o mediador.
5. Depende. Pessoas que já conhecem o trabalho do mediador procuram por este acompanhamento. Públicos espontâneos principalmente. Grupos escolares também solicitam através do agendamento, mas não é a mesma valorização.
6. Bem valorizado pelos visitantes.
7. NÃO RESPONDEU.

Pergunta 2:**Você vê aproximações entre a prática do professor e do mediador?**

- Sim
- Não
- Poucas aproximações
- Outro:

Respostas:

1. Sim
2. Sim
3. Sim
4. Sim
5. Poucas aproximações
6. Sim. Ambos oferecem um suporte pedagógico. Acredito que ambos é um ato pedagógico e docente.
7. Poucas aproximações

Pergunta 3:

Você percebe muito distanciamento entre o que é visto e comentado nas visitas às exposições de arte com a realidade dos alunos e das escolas?

- Sim
- Não
- Pouco
- Outros:

Respostas:

1. Não
2. Sim
3. Sim
4. Depende da mediação. Tem mediação que tenta aproximar à realidade com a do visitante ou aluno. Agora os textos curatoriais de fato não ajudam muito. E arte contemporânea de modo geral não é algo que seja próximo do público porque nem todos entendem as mudanças de paradigma da própria arte.
5. Sim
6. Sim. Penso que o distanciamento está ligado ao discurso curatorial que cada exposição cria. A obra pode ser próxima da realidade dos públicos ou distante, mas o que vai contribuir para isso é como o museu e a curadoria pretende dialogar com os diferentes públicos. E geralmente esse público escolar não é muito visto.
7. Sim.

Pergunta 4:

Como é a postura dos alunos durante a visita mediada?

- Eles interagem com mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
- Mostram-se interessados, mas quietos.
- Não demonstram interesse.
- Outro:

Respostas:

1. Eles interagem com mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
2. Eles interagem com mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.
3. Não respondeu.
4. Todas as alternativas!!! Vai depender do grupo e de como ele chega, com que espírito, preparado ou não pelo professor que trabalha ou não a exposição que está acontecendo.
5. Eles interagem com mediador, fazem perguntas e respondem às indagações.

6. É bem relativo. Eu diria que é meio a meio. Acho que muito do que o mediador oferece é o que fará com que os alunos/públicos interajam mais ou não. Se o mediador é expositivo (só fala) não dará abertura para o grupo falar. Mas acontece também do grupo não querer estar fazendo a mediação, porque mediar/arte/educação exige pensar e refletir. E não sei se é possível criar interesse e despertar o grupo de forma unânime.
7. Depende muito da turma, é difícil colocar um padrão.

Pergunta 5 :

Normalmente o tempo de duração da visita é de 1h, você acha possível realizar um bom trabalho durante esse tempo?

- Sim.**
- Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa.**
- Não.**
- Outro:**

Respostas:

1. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa.
2. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa.
3. Não respondeu.
4. Acho 1h ótimo, mas de novo depende do grupo. As vezes é válida mais a conversa ou fazer uma oficina, que pode ser dentro dessa 1h ou prolongar por mais um tempo.
5. O ideal seria um acompanhamento desse grupo, se estendendo até a escola e vice-versa. Porque em apenas um dia, o trabalho fica superficial.
6. Sim, mas gostaria que a visita fosse mais longa.
7. Não respondeu.

Pergunta 6:

O que você acredita ser fundamental na formação dos mediadores? Você pode marcar mais de uma opção.

- Eles devem ser da área de artes.**
- Devem ser licenciados e ter experiência como professores.**
- Deveriam ser especialistas na área à que se refere a exposição.**
- É importante que conheçam assuntos diversos.**
- Outro:**

Respostas:

1. Devem ser licenciados e ter experiência como professores, É importante que conheçam assuntos diversos. Empatia e uma visão libertadora de educação, para que não reproduzam os hábitos da sala de aula nos museus, transformando as visitas em aulas tradicionais, focadas em um conteúdo e na disciplina.
2. Eles devem ser da área de artes. É importante que conheçam assuntos diversos. Devem receber formação específica e intensa para cada exposição a ser trabalhada.
3. É importante que conheçam assuntos diversos. amar oque fazem
4. É importante que conheçam assuntos diversos. Ter a Cabeça aberta e a condição de conectar e aproximar a arte da vida, do coitado. Isso requer transdisciplinaridade, e jogo de cintura. Falar de cânones da arte de nada serve se o visitante não entende o significado simbólico da arte e o poder que ele tem, o universo da arte é muito amplo para limita-lo somente nele mesmo.
5. Devem ser licenciados e ter experiência como professores., É importante que conheçam assuntos diversos., acho que deve estudar a mediação cultural. Interessar-se por buscar formação nessa área, uma vez que, já existe.
6. É importante que conheçam assuntos diversos. É fundamental que saibam se relacionar com pessoas!
7. Não respondeu.

Pergunta 9:

Você costuma participar das formações oferecidas aos educadores em outros espaços expositivos?

- ()Sim, sempre.
 ()Sim, raramente.
 ()Não

Respostas:

1. Sim, sempre.
2. Sim, sempre.
3. Sim, sempre.
4. Sim, raramente.
5. Não respondeu
6. Sim, sempre.
7. Sim, raramente.

Pergunta 10:**Durante as visitas como você percebe a relação entre o professor e o mediador? (Pergunta aberta)**

1. Depende muito das concepções de educação dos mediadores e professores. Ainda há muitos mediadores que, embora novos, têm uma prática bastante conservadora nas mediações, bem como há professores que já abandonaram a noção mais tradicional de aula, dialogando com Paulo Freire e com a importância da socialização do conhecimento. Mas, de forma geral o que se nota são professores super ativos, que por um lado, utilizam o espaço do museu para dar a sua aula, muitas vezes interrompendo ou direcionando totalmente o trabalho e as propostas do mediador ou, o que é mais comum, os professores simplesmente largam a tarefa socioeducativa nas mãos dos mediadores, alguns professores inclusive desaparecem do espaço. Mas acho que é uma relação que deve ser estreitada e esse estreitamento deve ser uma iniciativa do museu, explicando o que são as mediações, o que faz um mediador e como professor e mediador podem construir uma visita produtiva.
2. Percebo uma variação associada ao perfil profissional do professor. O professor mais comprometido com a sua profissão leva a visita a sério, prepara-se antes de ir ao espaço, trabalha com seus alunos e dialoga com o mediador dando as pistas de por onde ele pretende circular no conteúdo e obras da exposição. Outros profissionais tem carência de formação por isso não conseguem desenvolver o trabalho com seus alunos ou então não tem real interesse no que se propõem.
3. de todos os tipos, essa questão é aberta demais, mas a realidade não é a constância.
4. Às vezes próxima, às vezes de ouvinte. Sempre chamo o professor pra conversa durante as mediações, mas às vezes eu acho que a maioria deles acha que no momento da mediação nós somos a "autoridade", tanto pela organização/ordem, quanto os que detêm "o" conhecimento.
5. Os professores precisam ser vistos como um público em potencial e que também precisa ser atingido em uma mediação. Como coloquei no meu TCC. Chamar o professor para fazer parte, interagir e contribuir na mediação é uma possibilidade para que ele não saia do grupo para tomar cafezinho!
6. Não respondeu
7. Na maioria das vezes, infelizmente, não ocorre uma troca. Seja por culpa do mediador ou do professor.

Pergunta 11:**Que postura você espera do professor responsável pela turma durante a visita mediada? (Pergunta aberta)**

1. Comprometimento e a percepção de que o museu não é um apêndice da sala de aula. Comprometimento com os alunos e mesmo com o trabalho do mediador. E a percepção de que não adianta já vir com um monte de tarefas e ter uma visão que muitas vezes é contrária à metodologia e à prática dos mediadores. Professores que chegam com uma postura conteudista ou mesmo disciplinadora acabam indo de encontro da concepção de educação de muitos mediadores. O que eu espero é que eles percebam que sim, os professores são responsáveis pelos alunos, mas que quando entram em um museu, quem "dita as regras" e faz a proposta de mediação é o mediador. Sempre funciona bem quando antes do contato com a turma, o professor já fala o que vem trabalhando em sala de aula e proponho algo conjunto, que valorize tanto o conhecimento vindo da escola quanto do museu. parceria é uma boa palavra.
2. Comprometimento.
3. foco, objetivo e interesse, inclusive vindo antes pra reconhecer o que vai proporcionar a turma.
4. Comprimento com o momento da mediação e respeito aos próprios alunos e ao nosso trabalho.
5. Embora a gente saiba que muitos professores não são da área de Artes Visuais e que, por isso, existe um desinteresse nos assuntos gerados/discutidos da mediação. É como se, vou levar os meus alunos porque isso não me interessa. É claro que estou generalizando, mas a postura dos professores, que vimos nas exposições é mais ou menos esta. Reflexo de uma educação ineficiente, que não desperta nos professores o interesse pelo saber contínuo, pela formação constante e pela ampliação do seu próprio repertório cultural.
6. Que seja participativo sem "atropelar" a turma. Mas o mínimo que se espera de um professor é que ele se imponha como tal. Na minha experiência como mediador, uma das piores situações que podem ocorrer durante a visita, é quando o professor se dispersa da turma; quando o educador fica alheio 'a visita, acaba colaborando para que os alunos sigam um comportamento similar.
7. Não respondeu.

Pergunta 12:

Como deve ser uma boa mediação para você? (Pergunta aberta)

1. Em geral eu gosto de mediações que emocionem. Que encantam, dão aflição, que fazem surgir por parte dos alunos sentimentos de indignação ou os estimulem para tentar fazer coisas. Enfim, que trazem à tona sentimentos que muitas vezes ficam guardados e em contextos escolares não têm como sair. Quando a emoção aparece é porque os alunos se colocam desarmados no espaço e deixam que o discurso da exposição perpassa pelos seus corpos e não só pela cabeça. Quando a mediação deixa de ser simplesmente uma

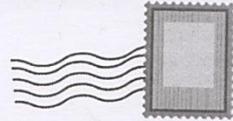
boa arguição, com os conteúdos concatenados e entra no sensível. Essas sim são inesquecíveis. Tanto pra eles, quanto pra nós.

2. Onde ocorre o diálogo e a "experiência", onde se ouvem questionamentos, exclamações, ou xingamentos, onde os visitantes se indignam ou se maravilham, resumindo, onde acontece algum tipo de reação, a obra chega de alguma forma, dialoga, é vista e experiência.
3. Aquela em que a TROCA, a MÁGICA acontece e o estranhamento em arte contemporânea é fundamental para construção crítica.
4. Participativa, interativa, aonde eu apenas "conduza" a construção que eles mesmos, os visitantes, fazem a partir do que virem, lerem, ouvirem, sentirem, enfim, a experiência que ele estiver vivendo naquele momento. Acho que o ideal é priorizar a construção desse aluno, antes mesmo da do mediador, pois esse universo já pertence a esse profissional e cabe a ele fazer com que esse universo chegue, exista, ou seja, percebido por ele aluno. O mediador deve tentar possibilitar a livre apropriação e autonomia a esse visitante.
5. Ela deve ser SIGNIFICATIVA, para todos os envolvidos. O mediador precisa ser tocado, e é um privilégio estar nessa condição de ouvinte/aprendiz. Os públicos, de aprofundar os seus conhecimentos sobre arte, mas principalmente pelo desenvolvimento criativo, estético e sensível.
6. Uma boa mediação é aquela que segue o "mandamento básico" da troca. Quando turma e mediador conseguem partilhar ideias e vivências, de maneira horizontal e sincera. Só assim o mediador pode ser útil, diante daquilo que me parece ser a principal função da arte: Falar para ou de pessoas, de experiências, da vida.
7. Não respondeu.

ANEXO C - Trabalhos produzidos pelos alunos da turma 92



TÍTULO DA MENSAGEM: Conheço o brial



Hoje eu conheci o brial de
Porto Alegre. Eu gostei da
obra que era uma cadeira,
com quem também gostei da
obra, que foi exposta na
Time Square que era uma
~~obra~~ tela de propaganda
que dizia que os americanos

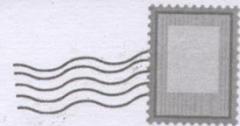
dos Estados Unidos, não eram os
inimigos americanos mas também
os brasileiros e somos todos
americanos por isso eu acho
que você deveria conhecer.

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

NOME: _____



TÍTULO DA MENSAGEM: Oi "Sr. Estvão".



Vemha conhecer a bi-
nal da Mercedesul, tem
muitas obras bonitas, in-
teressantes, históricas e etc.
A obra de um homem
que usava uma mesa para
viajar pelo mar foi a que
eu achei mais interessante,

e deu para entender algu-
renta sua crítica. O mar que
a homem viajava, não podia
usar botas para navegar, então
a homem decidiu usar uma mesa.
O interessante é que ele

navegava pela Ilha de Santa-Rita
que pertence aos Estados Unidos,
que é usado para testes da Marinha,
então era um lugar muito perigoso.

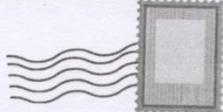
PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

NOME: _____



TÍTULO DA MENSAGEM:

Visitei a Bienal no dia 18 de novembro e gostei muito, recomendo a visitação, tenho certeza que irão gostar. A obra que mais chamou a minha atenção foi a "Projeto Coca-Cola" que mostra



a ideia do artista de levar mensagens para a população, durante a ditadura, pois a liberdade de expressão foi uma "proibida". Há outros obras interessantes, mostrando muito a ideia de "protesto". Espera que vá.

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

NOME:



TÍTULO DA MENSAGEM: Por uma América unida...



Hoje, ao visitar a Bienal,
uma obra me chamou
muito a atenção, que
critica o fato de apenas
os norte-americanos se
auto intitularem america-
nos, esquecendo completa-
mente a América-Latina.

Recomendo a você que
pense sobre a obra, e
sobre como é ser um
"americano de verdade".
Todos somos.

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

NOME: _____